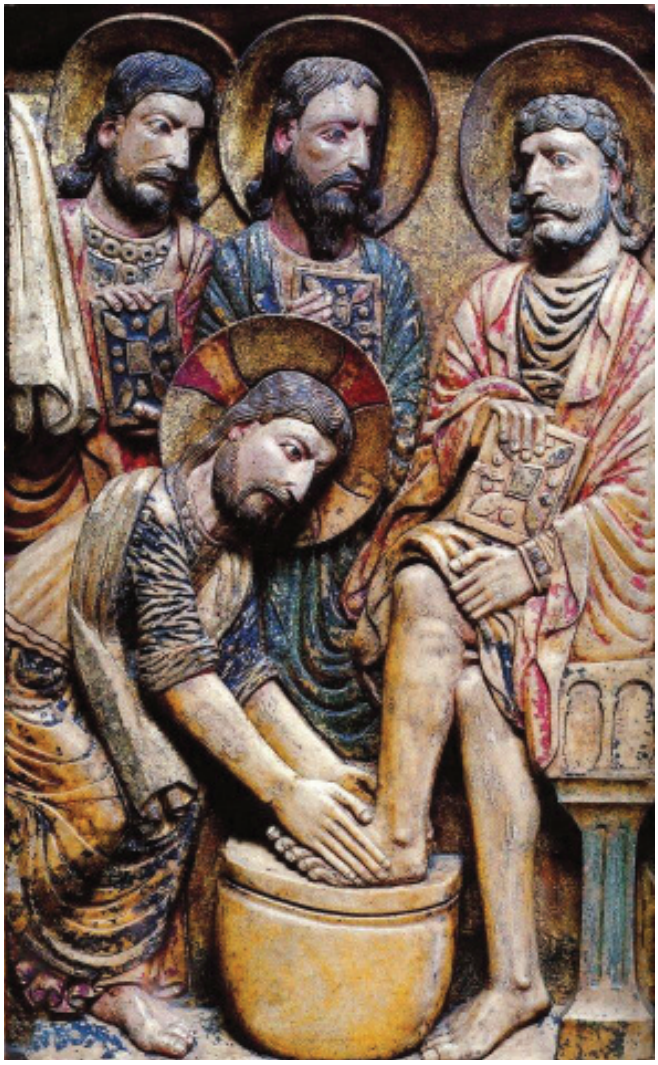
OUSAR O EVANGELHO

ACOLHER E CUIDAR DOS HOMENS



TEMA DE ESTUDO 2013-2014

Equipas de Nossa Senhora

Imagem da capa: Lava-pés

Maestro della Passione, Catedral de Modena, Itália[1]. Pormenor das esculturas da tribuna, representando cenas da vida de Cristo, datadas de 1184, por ocasião da sagração da catedral[2].

[1] https://picasaweb.google.com/lh/photo/VhdfMcs79kJwxPmtZ5HBptMTjNZETYmyPJy0liipFm0 (acesso: 29.01.2013).
Direitos de autor livres: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt..
[2] Traduzido, em 29.01.2013, de: http://www.duomodimodena.it/duomo/storia_casa.html.

OUSAR O EVANGELHO

ACOLHER E CUIDAR DOS HOMENS

ÍNDICE

ÍNDICE 3
APRESENTAÇÃO 4
INTRODUÇÃO 7
Acolher e cuidar dos Homens 7
Reunião 1 10
Descobrirmo-nos e deixarmo-nos convidar 10
Reunião 2 17
Descobrir e cuidar do outro 17
Reunião 3 26
Aceitar o convite de viver o Evangelho a dois 26
Reunião 4 34
Ser família e cuidar dela 34
Reunião 5 42
Viver em família em todo o seu tempo 42
Reunião 6 52
Descobrir o próximo na sociedade que nos envolve 52
Reunião 7 61
Ser família na comunidade eclesial 61
Reunião 8 70
Construir o ecumenismo e a paz 70
Reunião de Balanço 82
Bibliografia 87
Anexo I 90

APRESENTAÇÃO

Depois de Brasília, foram várias as Supra Regiões que fizeram chegar à ERI a necessidade de haver um tema de estudo que fosse ao mesmo tempo a base de uma reflexão profunda do Evangelho e o ponto de partida para a missão a que todos somos chamados.

Abre-se assim um novo capítulo na história de cada um, de cada casal das ENS, ao serem participantes desta ousadia que a Palavra do Evangelho provoca.

Foi lançado o desafio a nível internacional. De imediato, uma equipa portuguesa, generosamente, mostrou-se interessada e comprometida com o tema que lhes foi proposto. Uma Comunidade que tem a dimensão de serviço realiza, através dele, um exercício de caridade para com os outros, como nos dizia Bento XVI. Assim surgiu este trabalho, que é o resultado da inquietação desta comunidade reunida em nome de Cristo, oferecendo gratuitamente o seu trabalho que, pela sua riqueza e atualidade, foi de imediato aprovado pela ERI como Tema do Ano.

"Ao descobrirmo-nos e deixarmo-nos convidar" por Jesus, começaremos um novo percurso para pôr a render uma herança que o Senhor nos deixou e nos facilita o Caminho: a sua Palavra.

O homem e mulher que se amam, e que são afinal uma só carne, fazem compreender ao mundo o mistério do Amor de Cristo e da humanidade que é salva por este Amor.

Ao longo do nosso itinerário, Jesus propõe-nos um trabalho interior de transformação pessoal e é ao longo da viagem de cada um, ao cumprir etapa por etapa, bem balizada por cada reunião, que se vai fazendo Caminho.

A aliança que o casal faz com Jesus é garante de que o amor verdadeiro resiste e é a resposta autêntica de uma verdadeira vocação ao chamamento de Deus. Deus vem ratificar esta escolha que nós fizemos por nós próprios, o que não impede que seja feita debaixo do Seu olhar para aprendermos e ensinarmos a arte de amar.

O primeiro obstáculo a ultrapassar é, como nos diz o Papa Francisco, não ter medo de mostrar a ternura que cada homem tem no seu Coração para oferecer ao seu irmão. Em todas as páginas do Evangelho encontramos Jesus a servir e a cuidar dos seus irmãos.

Também Zaqueu entendeu as palavras de Jesus, naquele encontro cujo conteúdo ninguém conhece. Ao terminar, porém, o diálogo de intimidade com Jesus, logo pagou quatro vezes mais a quem defraudara e repartiu metade dos seus bens pelos mais carenciados. A caridade é criativa. É cada um que, interpelado por Cristo, vai descobrindo a sua maneira de servir…

Acolher e cuidar do outro aparece-nos como a segunda orientação da Carta de Brasília.

O casal ao viver livremente o Sacramento do Matrimónio é testemunha desta escolha, aceitando em plenitude a sua história de amor, que não se esgota em si mesma, porque a vive e a partilha com os outros.

Comecemos em casa, onde há um mundo de relações de Amor, desde os mais frágeis - as crianças, os doentes, os problemas com um filho - tudo são desafios para uma doação sem condições, para com ousadia participarmos na história da Salvação.

Se toda a comunidade é uma parcela do Povo de Deus que vive o seu tempo, tenhamos então a preocupação de cumprirmos o nosso tempo.

"Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?”

Aprender a sentir com o coração de Jesus pode levar tempo, mas aprender a ver todos aqueles que são invisíveis na nossa sociedade, é um exercício a fazer com os olhos do coração.

Que consigamos todos organizar o nosso tempo para com ousadia ter tempo para o trabalho, tempo para o descanso, tempo para a família, tempo para o silêncio, tempo para a oração, tempo para o serviço aos outros.

Jesus considerava que, no seu tempo, o Reino de Deus já estava sobre a terra.

Também nós não precisamos de mais sinais do que os que já existem para provar que chegou o tempo!

O Senhor já está no meio de nós. Trata e cura os outros apenas com o seu Amor.

Este tema "***Ousar o Evangelho: Acolher e cuidar dos homens***" é então um desafio a cada um de nós, a cada casal, a cada equipa, para aprender a ver e a agir com os olhos do coração, no seu tempo.

Partamos, então, de mãos dadas com Maria, para fazer o que ELE nos disser, no nosso tempo!

Tó e José Moura Soares

Casal responsável da ERI

INTRODUÇÃO

OUSAR O EVANGELHO

Acolher e cuidar dos Homens

Ousar o Evangelho é ir além do programado!
Ousar o Evangelho é acolher o inesperado!...[3]

Bento XVI na sua Carta Apostólica Porta Fidei, no n.º 3, diz-nos que "Devemos readquirir o gosto de nos alimentarmos da Palavra de Deus"[4]. Também "as Equipes de Nossa Senhora desejam ajudar os casais, unidos pelo matrimónio, a viver plenamente o Evangelho, com o apoio dos membros de uma equipe e a força do Movimento"[5] (Capítulo V do Guia das ENS – Edição de 2001).

De Brasília veio o desafio de OUSAR O EVANGELHO e citamos: "Ousemos, pois, o Evangelho na fidelidade e na coerência da Fé '*acolhendo os valores e as necessidades na medida em que sejam assimiláveis e em união ao Carisma Fundador*' (padre Caffarel – discurso de Chantilly; Maio1987)"[6].

Pensámos então: que melhor forma de propor esta ousadia do que passar a centrar toda a metodologia da reunião de equipa na PALAVRA de DEUS? Com efeito, um documento recente da ERI convida-nos a uma mística da Reunião de Equipa baseada em três pilares essenciais:

- Reunida em nome de Cristo, a equipa volta-se para o Pai, para acolher o seu amor e a sua vontade: "*Porque onde se acham dois ou três congregados em meu nome, aí Eu estou no meio deles*" (Mat 18, 20);

---

[3] Hino do XI Encontro Internacional das Equipas de Nossa Senhora (ENS), Brasília.
[4] Carta Apostólica *Porta Fidei*, item 3.
[5] Guia das Equipas de Nossa Senhora, capítulo V, Edição de 2001.
[6] Carta de Brasília da Equipa Responsável Internacional (ERI) das ENS, 2012.

- Unida a Cristo, a equipa partilha o amor de Deus, na entreajuda: "*Levai os fardos uns dos outros*" (Gal 6, 2);

- Possuída pelo Espírito de Cristo, a equipa envia os seus membros ao mundo, para serem testemunhas do seu amor: " *Eles tinham um só coração e uma só alma*" (Act 4, 32)[7].

O apelo aos casais para o ano de 2013/2014 de **Ousar o Evangelho, acolhendo e cuidando dos homens**[8], baseado nas atitudes de Cristo[9], levou-nos a preparar uma sequência de oito temas, em que o fio condutor é o texto dos Evangelhos. O texto escolhido para cada reunião é assim o seu centro, tanto para a preparação como para a realização da mesma. Na verdade, toda a vida pode ser refletida à luz do Evangelho! E a família, como local por excelência do exercício do cuidado, deve ser sempre objeto de reflexão e estudo de forma integrada.

Assim, para cada reunião é proposto um texto do Evangelho para sustentar o tema e servir de base à oração inicial. Segue-se a Partilha dos pontos concretos de esforço - oração individual, oração conjugal e em família, dever de se sentar e regra de vida - tudo partindo do mesmo texto, tomado como fonte inspiradora. Segue-se a mesma fonte para o Pôr em Comum. Para cada um destes momentos da reunião preparámos algumas sugestões orientadoras da reflexão as quais, portanto, podem ser alargadas ou substituídas por outras a escolher de acordo com cada contexto.

O Tema de cada reunião, centrando-se num texto do Evangelho, apela aos casais a que estudem o Evangelho. Para a sua abordagem e consequente reflexão, recorre-se a questões formuladas a partir desse texto, que devem ser consideradas como propostas de orientação.

---

[7] A reunião de equipa, ERI, 2010.

[8] Carta de Brasília da ERI, op. cit.

[9] É por isso que a imagem escolhida para a capa nos dá uma dimensão de Cristo essencial para compreender como Ele cuidava dos homens.

Como complemento a toda a preparação e reflexão, propõem-se alguns textos de apoio. O essencial é sempre o texto do Evangelho; os outros textos não são mais do que suportes que podem ajudar a aprofundar o sentido dos textos evangélicos. Visto que as Equipas de Nossa Senhora reúnem casais pertencentes a culturas e povos diversos, espalhados pelo mundo, confiados na ação do Espírito Santo, sugerimos que não se limitem a estes textos mas procurem outros, alternativos, que considerem mais úteis às circunstâncias da sua experiência de vida, assim como em relação às questões colocadas, de forma a enriquecer a sua reflexão e a sua reunião. O importante é que toda a vida das equipas seja local de fortalecimento das famílias, impelindo-as a **ousar o Evangelho: acolher e cuidar dos homens,** sejam eles homens ou mulheres, mais próximos ou mais afastados da igreja, mais velhos ou mais novos, pensem do mesmo modo ou de modo diferente do nosso.

Dito isto, propõe-se que o Tema se desenvolva ao longo do ano, centrado no convite à descoberta e ao cuidar de si (1ªreunião), do outro (2ª reunião), a dois (3ª reunião), em família (4ª e 5ª reuniões), na sociedade que nos rodeia (6ªreunião), no seio da Igreja (7ª reunião) e no mundo (8ª reunião).

Assim, lembremos, como nos diz Bento XVI, que "É o amor de Cristo que enche os nossos corações e nos impele a evangelizar". Ou as palavras do Papa Francisco, ao afirmar que "cuidar, guardar, requer bondade, requer ser praticado com ternura […] denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro, de amor. Não devemos ter medo da bondade, da ternura!"

Façamos "jorrar rios de água viva" neste mundo que pede com ousadia que "Partamos e façamos o mesmo que Ele fez"[10].

[10] Carta de Brasília da ERI, op. cit.

Reunião 1

OUSAR O EVANGELHO

Descobrirmo-nos e deixarmo-nos convidar

Introdução

Jesus convidou-nos a dar um sentido às nossas vidas, e a sermos livres nas escolhas, a termos esperança hoje, aqui, não apenas num futuro desconhecido, a amarmos. Mas, antes de mais, pede-nos que saibamos quem somos, como somos, quais são as nossas fraquezas e as nossas forças, que olhares nos fazem descobrir o mundo que nos rodeia. Ele convida-nos tal como somos, tal qual vamos sendo, a converter-nos, a **ousar o Evangelho**, a segui-lO. Este saber que "sou eu", como o cego afirmou depois da cura, este saber como somos, como Zaqueu afirmou ao aceitar a conversão, é o nosso princípio em tudo o que vamos sendo e afirmando. Conhecendo-nos, sabendo qual é a nossa pele, podemos aceitar o convite de esperança, de liberdade, de amor.

Leitura do Evangelho: Lucas 19, 1-10[11]

Encontro de Jesus com Zaqueu

[1]Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. [2]Vivia ali
um homem rico, chamado Zaqueu, que era chefe de
cobradores de impostos. [3]Procurava ver Jesus e não podia, por
causa da multidão, pois era de pequena estatura. [4]Correndo à
frente, subiu a um sicómoro para o ver, porque Ele devia passar
por ali. [5]Quando chegou àquele local, Jesus levantou os olhos e
disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em
tua casa.» [6]Ele desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de
alegria. [7]Ao verem aquilo, murmuravam todos entre si, dizendo
que tinha ido hospedar-se em casa de um pecador.

[11] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Lc_19

[8]Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: «Senhor, vou dar metade dos
meus bens aos pobres e, se defraudei alguém em qualquer
coisa, vou restituir-lhe quatro vezes mais.» [9]Jesus disse-lhe:
«Hoje veio a salvação a esta casa, por este ser também filho de
Abraão; [10]pois, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que
estava perdido.»

Tempo de silêncio, tempo de oração a partir do Evangelho

Partilha e pôr em comum

Zaqueu sabia que era pequeno e não teve medo de se expor subindo a uma árvore para tentar ver Jesus.
Esta atitude, que pode ter sido de mera curiosidade, foi bastante para que Jesus se lhe dirigisse.
Jesus disse-lhe que precisava dele, que lhe desse abrigo nesse dia.
Zaqueu respondeu de pronto e com alegria.
Esta resposta a um pequeno pedido foi suficiente para converter toda a vida de Zaqueu.

Partilha

- E tu estás disposto a responder às Suas solicitações com rapidez e alegria, escutando-O e dialogando com Ele? (oração individual).
- Temos o desejo de saber quem é Jesus e o que Ele nos pode pedir e dar? (oração em casal e em família).
- Como partilhas com o teu marido/mulher as tuas opções e dificuldades/preocupações e como o/a ajudas a ultrapassar as suas? (dever de se sentar).
- Em que medida o exemplo de Zaqueu pode ser inspirador para a introdução de mudanças na tua vida? (regra de vida).

Pôr em comum

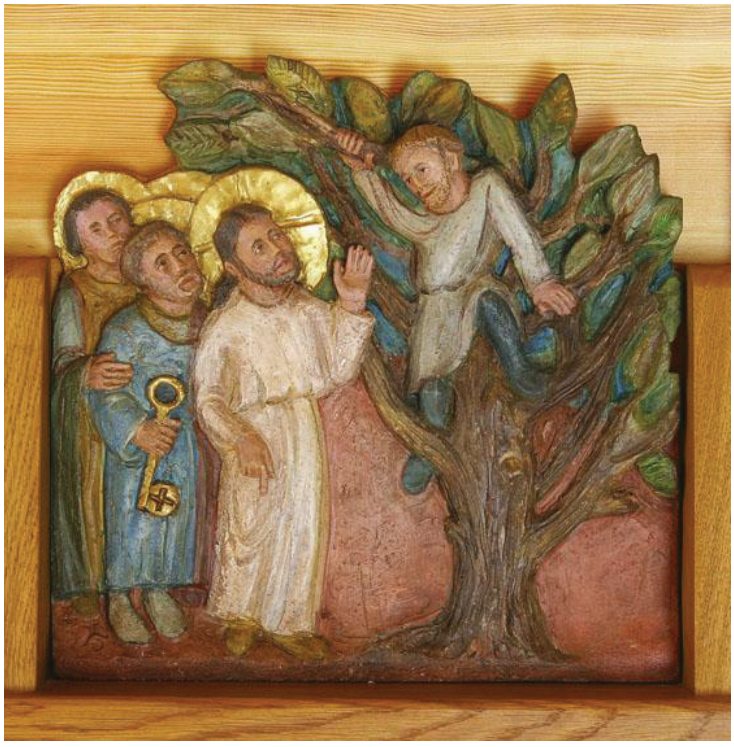
Que acontecimentos da minha/nossa vida podem ser vistos à luz do Evangelho? Em que medida a experiência de Zaqueu me/nos faz

lembrar acontecimentos recentes e significativos que gostava/mos de vos contar?

Reflexão sobre o Tema

Lucas, em 19, 1-10 oferece-nos uma oportunidade de refletir sobre três dimensões essenciais:

- A atitude de Zaqueu: humildade (consciência das suas limitações), espontaneidade e capacidade de resposta com a mudança de vida.
- A atitude de Jesus que o olha e não vê nele o cobrador de impostos, mas alguém em quem confia e se faz convidado para a sua casa.
- A atitude de "todos os outros" que é de desconfiança, crítica, preconceito e exclusão.



Jesus e Zaqueu – Irmã Mercedes, 2006. Notre Dame des Neiges, França

Oração final[12]

Meu Pai,
Eu me abandono a Ti,
Faz de mim o que quiseres.
O que fizeres de mim,
Eu Te agradeço.
Estou pronto para tudo, aceito tudo.
Desde que a Tua vontade se faça em mim
E em tudo o que Tu criaste,
Nada mais quero, meu Deus.
Nas Tuas mãos entrego a minha vida.
Eu Te a dou, meu Deus,
Com todo o amor do meu coração,
Porque Te amo
E é para mim uma necessidade de amor dar-me,
Entregar-me nas Tuas mãos sem medida
Com uma confiança infinita
Porque Tu és... Meu Pai!

Os textos seguintes foram escolhidos enquanto sugestões de leitura, de ajuda ao aprofundamento da reflexão.

Aprender a espontaneidade

Timothy Radcliffe[13]

O sentido do Cristianismo, antes de qualquer outra coisa, é mostrar-nos que há um sentido para as nossas vidas. As nossas vidas estão orientadas para um fim último. Apesar de todo o absurdo e sofrimento que se possa suportar, o sentido tem a última palavra. Pode não se ser capaz de contar a história das nossas vidas ou a da humanidade, mas a nossa esperança é que um dia se descubra que tudo o que vivemos e fomos tem sentido. Poderemos mostrar, agora, algo desse sentido

[12] Charles de Foucauld. *In* http://www.paroquias.org/oracoes/?o=127
[13] Timothy Radcliffe 2011 *Ser Cristão Para Quê?* Prior Velho. Paulinas Editora.

final? Acabámos o primeiro capítulo a falar da música, como de um dos modos fundamentais pelos quais tentamos exprimir essa esperança naquilo que está para além do alcance das nossas palavras. Mas haverá outras maneiras que nos permitam tornar visível o fim da viagem? Neste e no próximo capítulo, vou sugerir duas maneiras de mostrar, agora, o último objetivo das nossas vidas. Deveríamos ter uma liberdade e uma felicidade que não fariam sentido se Deus não existisse.

O Cristianismo convida-nos a uma liberdade e a uma felicidade específicas, que são uma partilha da vitalidade própria de Deus; O fim da viagem torna-se assim manifesto. A nossa esperança é sustentada por este sabor da meta da viagem. E podemos ter a esperança de encontrar esta mesma liberdade e alegria específicas entre pessoas de outras fés, e de nenhuma. Não podemos pretender ter agora o exclusivo na partilha da vida de Deus. Mas deveremos ter consciência que o Evangelho nos convida a uma liberdade e a uma felicidade que nos põe a nadar contra a corrente das expectativas da nossa cultura e podem parecer verdadeiramente excêntricas. (pp. 49-50)

[…] Jesus é a vítima inocente. É a vítima do ódio e do medo. A sua vida não está nas suas mãos. Foi atraiçoado e, em breve, será entregue. Está ao nosso lado em todas as nossas experiências de falta de liberdade, de sentir-se vítima. Mas ainda faz opções. As suas possibilidades são extremamente limitadas, mas escolhe reunir os discípulos para uma última refeição, em vez de fugir de Jerusalém. Escolhe passar o Vale do Cédron e ir para o Getsémani, para confrontar os seus inimigos. Não é apenas uma vítima. (p. 58)

[…] Marcos diz-nos repetidamente que o Filho do Homem tem de ir a Jerusalém, onde deve sofrer e morrer. Ao abraçar esta necessidade, Jesus é supremamente livre, porque o que deve fazer exprime aquilo que é, no mais profundo de si mesmo.

Entrar nessa liberdade, que é o dom próprio de Cristo, requer que se seja libertado de uma falsa ideia de Deus. Temos de destruir o ídolo de Deus - imaginado como uma pessoa grande e poderosa e,

habitualmente, pensado no masculino - que nos dá ordens e diz o que devemos fazer, para que Ele goste de nós. Temos de nos desembaraçar do Deus que se opõe à nossa liberdade e nos mantém encurralados numa submissão infantil. Tantas vidas têm sido crucificadas pelo culto deste ídolo estranho. Temos de descobrir o Deus que é a fonte da liberdade, transbordando mesmo no âmago do nosso ser e concedendo-nos a existência em cada momento. (pp. 72-73)

Vai até ao fundo de ti mesmo

José António Pagola[14]

Venho dizendo-te repetidamente que, para acreditar em Deus, é preciso que o procures dentro de ti mesmo. Se não o encontras no teu coração, é escusado procurá-lo em nenhum outro lado. Mas, como se faz isto? Tu queres pôr-te em contacto com Deus, mas não sabes como o hás-de ouvir, nem sequer como hás-de falar com Ele.

[…] Para encontrar a Deus não tens que fazer grandes viagens. Basta que te detenhas, que feches os olhos, que entres dentro do teu coração e que escutes o que há em ti. Nesse mesmo lugar onde agora estás, está Deus a rodear-te e a encher-te de vida.

Tu não fazes absolutamente nada e, contudo, o teu coração palpita, o sangue corre pelas artérias e os teus pulmões respiram. Uma força misteriosa percorre todo o seu ser. Tu nada fazes para viver e, no entanto, segundo a segundo, estás a receber a vida como uma dádiva maravilhosa. Como é que dizes ainda que vives só? Quem é que te faz viver?

Costumamos dizer: "Estou a respirar". Na realidade, não é assim. Tu não estás a respirar. A respiração está a acontecer dentro de ti, sem tu te dares conta de como é que ela se processa. Quando um recém-nascido respira pela primeira vez, nem sequer sabe que existe o

[14] José António Pagola 2008 *Crer, para quê?* Assafarge, GC – Gráfica de Coimbra 2, Publicações, Lda.

aparelho respiratório, os seus pulmões não funcionaram até àquele momento. E, contudo, a respiração chega e o milagre começa.

Infelizmente, pode acontecer-nos a todos. Vivemos de uma maneira absolutamente artificial. Apenas "vemos água", e não descobrimos a imensidade de Deus que nos rodeia, nos sustém e nos mantém na vida. Vivemos sem ouvir dentro de nós o mistério da vida. Se um dia parares para o escutar, mesmo que seja de um modo suave e ainda desajeitado, vais descobrir que não estás só. Sentir-te-ás cheio de Deus. […] Dir-me-ás que não se torna fácil parar. Que vives muito atarefado. Que não tens o costume de entrar dentro do teu coração. Não te preocupes. Fica em silêncio e fecha os teus olhos. Não é preciso que digas nada. Só é preciso que estejas e que escutes em paz. Julgo ser verdade o que dizia o matemático inglês A. Whitehead: "Religião é o que uma pessoa faz na sua solidão".

Se te detiveres a sós contigo próprio, poderás escutar os teus medos e os teus anelos mais íntimos. Aflorarão as perguntas que há dentro de ti: Será grave aquilo que sinto? Por que é que me dou tão mal com o meu esposo ou com a minha esposa? O que é que irá a acontecer ao nosso filho? Conseguirei aquele emprego?

Se continuares em silêncio e em paz, começarás a ouvir perguntas mais profundas: Que estou a fazer da minha vida? O que é que eu ando a procurar, ao fim e ao cabo? Que devo fazer para viver de maneira mais plena? Por que é que fui perdendo o contacto com Deus? Por que é que não o deixo entrar na minha vida? Não esqueças que o silêncio é a linguagem de Deus. Entre as tuas perguntas, os teus medos, os teus desejos e a presença amorosa de Deus, só se interpõe uma ténue tela que, a qualquer momento, pode cair. Deus está dentro de ti! (pp. 71-73).

Reunião 2

OUSAR O EVANGELHO

Descobrir e cuidar do outro

Introdução

Não estamos sozinhos no mundo. Jesus chamou as pessoas do seu tempo. Alguns tornaram-se seus discípulos diletos por perceberem o chamamento de forma especial; outros foram sendo quem eram, mas ousaram o Evangelho, tomaram a Boa Nova, tornaram-se exemplo, como nos contam os Atos dos Apóstolos; outros, ainda, em maior número, com certeza, foram ousando amar o outro no silêncio dos dias.

O bom samaritano foi chamado pela compaixão, ousou esperar que o seu gesto fosse gratificante em relação ao outro desconhecido, fez dele, livremente, o seu próximo. O bom samaritano ousou o Evangelho na esperança, na liberdade e na compaixão.

Leitura do Evangelho: Lucas 10, 25-37[15]

O bom samaritano

25 Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-lhe, para o
experimentar: «Mestre, que hei de fazer para possuir a vida
eterna?» 26 Disse-lhe Jesus: «Que está escrito na Lei? Como
lês?» 27 O outro respondeu: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com
todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas
forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como
a ti mesmo.» 28 Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem; faz isso e
viverás.» 29 Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a
Jesus: «E quem é o meu próximo?» 30 Tomando a palavra, Jesus
respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e
caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e

[15] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Lc_10

encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. [31]Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. [32]Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. [33]Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. [34]Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. [35]No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: 'Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.' [36]Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» [37]Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

Tempo de silêncio, tempo de oração a partir do Evangelho

Partilha e pôr em comum

O samaritano preparou-se para uma longa viagem e, perante o imprevisto do homem desfalecido, encontrou uma resposta.

A compaixão foi a sua resposta.

A esperança foi a sua ousadia.

A liberdade foi o que lhe permitiu descobrir e amar o próximo.

Partilha

- Somos capazes da liberdade da recusa dos preconceitos? Como pedimos esse dom e nos disponibilizamos para escutar o Senhor e responder aos Seus apelos? (oração individual)

- Como é a nossa esperança? Como a alimentamos na nossa relação com Deus? Como nos ajudamos no seu fortalecimento, contrariando o desespero, a tentação da desistência, do abandono? (oração em casal e em família)

- O nosso amor é só para nós? Tem lugar para a compaixão? É capaz de se centrar no outro? De que modo nos fazemos próximos um do outro? (dever de se sentar)

- Estamos abertos ao imprevisto? Ou sofremos quando o imprevisto nos altera os planos? Somos capazes de dar atenção a aspetos da nossa vida que podem melhorá-la e melhorar a dos que nos rodeiam? (regra de vida)

Pôr em comum

A nossa vida terá alguma experiência, alguma vivência, por pequena que seja, de termos encontrado o nosso próximo?

Teremos algo a pôr em comum que nos ajude a descobrir e amar o próximo, no dia a dia?

Reflexão sobre o Tema

Lucas, em 10, 25-37 oferece-nos uma oportunidade de refletir sobre como descobrir o outro é essencial para se poder amar em verdade:

- O bom samaritano ousou a compaixão perante os males de um desconhecido.
- Outros passaram, olharam e não viram, porque os preconceitos foram superiores.
- O bom samaritano assumiu a liberdade de ultrapassar os preconceitos da sociedade em que vivia.
- Outros olharam para a pureza das suas vestes e ignoraram as mazelas ensanguentadas do pobre viandante.
- O bom samaritano fez funcionar a esperança no dia a dia.
- Outros deixaram que ela ficasse perdida no tempo.

O bom samaritano – Van Gogh, 1890

Oração final

Pelo cuidado dos outros[16]

Ensina-nos, Senhor,
a cuidar uns dos outros.

[16] Julien, Secours catholique (Nord). *In* http://www.prier.presse.fr/prieres/prends-soin-de-lui-08-10-2012-2157_136.php (T.N.)

A estar atento àquele que sofre
mesmo ao nosso lado,
que encontramos todos os dias
e que nunca vemos…
Dá-nos um coração
que saiba escutar como o Teu

Os textos seguintes foram escolhidos enquanto sugestões de leitura, de ajuda ao aprofundamento da reflexão.

A comunidade da verdade

Timothy Radcliffe[17]

São Tomás acreditava que, para ver as coisas como são, se deve ser contemplativo. A contemplação é aquela abertura sossegada e serena da mente ao que está diante dela: a Palavra de Deus, uma pessoa, uma planta. É aquela presença calma ao que é diferente de nós, resistindo à tentação de o adquirir, possuir ou usar. Significa deixar a outra pessoa ser diferente de nós, recusar absorvê-la ao nosso modo de pensar. Devemos deixar o coração e a mente alargar-se e abrir-se, engrandecido pelo que vemos. Ele amava a frase de Aristóteles: «A alma é, de certa maneira, todas as coisas». Compreender o que é diferente é o que alarga o nosso ser. A contemplação é estar despojada e humildemente presente ao outro. Simone Weil escreveu que «*o verdadeiro génio não é senão a virtude sobrenatural da humildade no domínio do pensamento*»." (pp. 178-179)

[…] A doutrina da Criação ensina-nos a ver o mundo como criado, o que quer dizer como dado. Os nossos olhos são abertos para a pura gratuidade do ser. Nada é obrigado a existir.

[17] Timothy Radcliffe 2011 *op. cit*.

Relações que curam

Albert Nolan[18]

Acima de tudo, era «***amando as pessoas***» que Jesus as curava. Jesus amava toda a gente, identificando-se plenamente com todos e com cada um. Por isso podia dizer: «*Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer*» (Mt 25,40.45).

Em certos casos, isto teria incluído uma proximidade e intimidade reais. Jesus é, muitas vezes, representado como um indivíduo isolado. De facto, todas as provas apontam para alguém que não vivia afastado nem distante, fechado numa espécie de magnífico isolamento. Além da comunhão plena que Ele sentia com toda a gente que encontrava, Jesus tinha muitos amigos íntimos.

As amizades íntimas não são contrárias ao amor universal por todos os seres humanos, a menos que se tornem de algum modo exclusivas. As amizades de Jesus nunca eram exclusivas. Ter mais intimidade com algumas pessoas do que com outras constitui uma simples limitação humana em termos de espaço e de tempo. É fisicamente impossível ter uma relação próxima com toda a gente ao mesmo tempo. Além disso, nós temos sempre mais coisas em comum com algumas pessoas do que com outras.

Ser amigo de Jesus exercia sempre um efeito curativo sobre aqueles que viviam perto dele e, como veremos, o amor dessas pessoas também nunca deixava de produzir o seu efeito sobre o próprio Jesus. Pedro, Tiago e João eram claramente mais íntimos de Jesus do que os outros apóstolos. Jesus levava-os consigo até ao cimo do monte para rezar (cf. Lc 9,28) e, durante a sua agonia no horto de Getsémani, os amigos que Ele desejava ter consigo eram os mesmos Pedro, Tiago e João (cf. Mc 14,33). Com Pedro, Jesus tinha uma relação simultaneamente afectuosa e conturbada. O efeito exercido por essa

[18] Albert Nolan 2009 *Jesus hoje.* Prior Velho. Paulinas Editora, cap. 7: 126-128.

relação sobre o impetuoso Pedro deve ter sido profundamente curativo e transformador.

Depois havia os seus amigos de Betânia: Marta, Maria e Lázaro. Cada um deles, de forma peculiar, estava intimamente ligado a Ele.

[…] Maria Madalena tinha um amor profundo e inabalável por Jesus. Ela não teve medo de ficar de pé junto à cruz, com Maria, Mãe do seu Mestre, depois de quase todos os outros discípulos terem fugido (cf. Mc 15,40; Mt 27,55-56; Jo 19,25). Maria Madalena seguiu aqueles que desceram o corpo de Jesus da cruz, para ver onde é que iam colocá-lo (Mc 15,47). Depois, a seguir ao Shabat, logo de manhãzinha, ela já estava junto ao sepulcro para embalsamar o corpo de Jesus, disposta a fazer frente a quem tentasse impedi-la. Foi ela que descobriu que o sepulcro estava vazio (cf. Jo 20,1).

[…] Acima de tudo, Jesus deve ter sido influenciado pelo amor de Maria, sua mãe. O amor de uma mãe não só é especial como também é insubstituível. A vida de Jesus estava tão isenta de feridas, de fragilidade e de egoísmo, e a sua comunhão com Deus era tão extraordinária, que nós só podemos concluir que, em criança, Ele fora amado de forma incondicional por Maria... e por José. Isso seria uma manifestação inicial de quão profundamente o seu *Abba,* ou Pai divino, o amava.

Vendo-o

Timothy Radcliffe[19]

O Bom Samaritano vê o homem caído à beira da estrada e enche-se de compaixão. O sacerdote e o levita não o veem realmente. Veem um problema, alguém que talvez destrua a sua pureza ritual ou atrase o seu regresso a casa para junto das suas famílias.

[19] Timothy Radcliffe 2012 Conferência no XI Encontro Internacional das ENS, Brasília, 23 julho 2012.

Jesus é alguém que tem os olhos abertos. Vê Natanael debaixo da figueira e vê que ele é um homem em quem não há fingimento (João 1,48). Vê Levi, o desprezado cobrador de impostos, escondido entre a multidão e vê um discípulo (Marcos 2,14). Descobre Zaqueu em cima do sicómoro e vê um amigo (Lucas 19,5). Vê a viúva que põe na caixa do tesouro as suas pequenas moedas e vê a sua grande generosidade (Marcos 12,42). O sacerdote e o levita veem o exterior. Veem alguém em função das suas próprias preocupações. Jesus vê o interior. Vê a bondade e a beleza escondida das pessoas. Vê-as como seres criados por Deus, como dons.

Como aprendemos a ver com os olhos de Jesus e do Bom Samaritano? Isso pode levar tempo. Quando Jesus curou o cego de nascença (Marcos 8,22ss), precisou de duas tentativas. Depois da primeira, o homem não via as pessoas, apenas árvores a andar. Às vezes sinto que estou nesta situação!

Um primeiro passo pode ser ver a pessoa com quem estão casados! Quando se apaixonaram, olharam-se nos olhos com adoração! Ficaram deslumbrados com a sua beleza e bondade. Como é possível que ele ou ela me ame! Mas, depois de alguns anos de casamento, algumas pessoas deixam de olhar muito de perto. Tornamo-nos um pouco cegos. Talvez pensemos que nos conhecemos tão bem que já não é preciso olhar! E assim perdemos os sinais de tristeza, o desejo de ternura, a palavra não pronunciada nos seus lábios. E quando, de repente, um põe fim ao casamento, a outra pessoa fica muitas vezes surpreendida. Não viram vir a crise porque deixaram de se olhar!

O medo pode cegar-nos. Temos medo de ver que não somos assim tão importantes. O ciúme cegou Otelo e, por isso, já não conseguia ver a mulher e o amor que ela tinha por ele. A culpa pode tornar-nos incapazes de olhar o outro nos olhos.

Ver não é uma questão de olhar com intensidade, de os examinar ao microscópio. Podemos ver melhor quando olhamos pelo canto do olho e vislumbramos a sua humanidade total. Olhem-nos quando eles estão a dormir e as suas defesas tiverem desaparecido. Na Índia diz-se que,

quando dormimos, a nossa cara «é amiga do mundo». O Papa Bento sublinha muitas vezes a relação que existe entre o amor e a verdade. O vosso olhar só é verdadeiro quando é um olhar de amor, e só é realmente de amor se atende à verdade do outro. Quando foi a última vez que viram realmente o vosso marido ou a vossa mulher?

[…] O maior desafio é ver as pessoas que consideramos inimigas. Durante a revolução na Nicarágua, um dominicano americano ajudou um grupo de jovens nicaraguanos a representar a parábola do Bom Samaritano durante a Missa. Representaram um jovem nicaraguano a ser espancado e abandonado meio morto na beira do caminho. Um frade dominicano passou por ali e continuou o seu caminho sem fazer caso dele. Depois passou também um catequista. A seguir, passou um dos inimigos, um 'Contra', com o uniforme militar. Parou, pôs-lhe um terço ao pescoço, deu-lhe água e levou-o até à aldeia mais próxima. Nesta altura, metade da assembleia reagiu começando a gritar e a protestar. Era inaceitável que um 'Contra' pudesse agir dessa forma. «São pessoas horríveis e nada temos a ver com eles». A Missa foi suspensa no meio do caos. Depois, as pessoas começaram a discutir o significado da parábola. Como tinham ficado chocadas, conseguiram compreendê-la mais profundamente. Temos consciência de quanto esta parábola é chocante?

Finalmente, temos de aprender a ver os pobres, que muitas vezes são invisíveis na nossa sociedade. As celebridades são visíveis em toda a parte. Todos olham para os ricos. Imediatamente antes da parábola do Bom Samaritano, Jesus volta-se para os discípulos e diz: «*Felizes os olhos que veem o que estais a ver*» (10,23). Os olhos dos santos veem os pobres. A Madre Teresa de Calcutá foi a uma receção em sua honra em Roma. Estavam lá muitos dignitários importantes, embaixadores e Cardeais. À porta ela parou para falar com um pedinte. Não paravam de falar. Finalmente, alguém foi ter com ela e disse-lhe: «Madre, suas excelências estão à sua espera». E ela replicou: «Não vê que estou a falar com Cristo?».

Reunião 3

OUSAR O EVANGELHO

Aceitar o convite de viver o Evangelho a dois

Introdução

O sinal deixado nas Bodas de Caná é um **convite** a irmos ao encontro do único e verdadeiro amor das nossas vidas. Maria aparece como a intercessora e mediadora, aquela que, sabendo olhar a necessidade dos irmãos, vai dizer ao Filho que está a faltar algo essencial para a festa e, também, que confia Nele sugerindo que tenhamos igual confiança.

A presença de Jesus **na vida a dois** é a garantia de que o essencial jamais faltará e que, mesmo que as dificuldades conjugais venham, Ele está pronto para ajudar a solucioná-las. Como Deus é dotado de uma capacidade criativa tremenda, Ele fortalece o relacionamento e cada dia pode ser pleno de alegrias e satisfação.

A presença de Maria numa boda pode ser vista como um sinal do Seu compromisso com as nossas vidas de casados e um **convite** a **"**Ousar o Evangelho" **a dois.**

O simbolismo da transformação da água em vinho, sugere a necessidade de transformação que a "construção do casal" exige.

Leitura do Evangelho: João 2, 1-12[20]

As Bodas de Caná

[1]Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. [2]Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. [3]Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!» [4]Jesus respondeu-

[20] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Jo_2

lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora.»

[5]Sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» [6]Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. [7]Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água.» [8]Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa.» [9]E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era - se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água; chamou o noivo [10]e disse-lhe: «Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!»

[11]Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com o qual manifestou a sua glória, e os discípulos creram nele.

[12]Depois disto, desceu a Cafarnaum com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias.

Tempo de silêncio, tempo de oração a partir do Evangelho

Partilha e pôr em comum

A ideia de festa que perpassa por este Evangelho de S. João é um convite à alegria dos esposos e um convite à confiança em Jesus, a exemplo de Maria. Maria alerta-nos, em primeiro lugar, para o vinho que falta na nossa relação conjugal e na nossa família.

Partilha

- Confiamos em Jesus e escutamos o que Ele nos diz? Fazemos o que Ela nos sugere: façam o que Ele vos disser? (oração individual)

- Damo-nos conta que a vida a dois é um "verdadeiro milagre"? Que significado atribuímos ao papel de Deus nesse "milagre" quotidiano? (oração em casal e em família)
- Será que o "vinho" do amor, está insípido por causa da rotina da vida? E o da compreensão que nos exige uma escuta diferente? (dever de se sentar)
- Não será que Maria nos alerta, em primeiro lugar, para o "vinho" que falta na nossa relação conjugal, com na nossa família e com aqueles que nos rodeiam? (regra de vida)

Pôr em comum

Que "acontecimentos" ou "histórias" na nossa vida recente têm sinais da alegria do "vinho do amor" ou, pelo contrário, têm sinais da sua ausência e que gostaríamos de comungar na equipa?

Reflexão sobre o Tema

Segundo João (2, 1-12), Jesus e Maria quiseram participar numa festa de casamento. Aí Jesus iniciou a sua vida pública e com um milagre, revelando-Se, a que se seguiu a expressão de Maria: "*Façam o que Ele vos disser*."

- Em Caná, a sensibilidade de Maria viu a carência dos noivos, Jesus supriu as suas necessidades e os serventes obedeceram.
- O vinho da transformação era de melhor qualidade do que o anterior, tinha a marca da ação de Jesus.
- Os noivos convidaram Jesus e a Sua Mãe para a festa e a transformação aconteceu.

Bodas de Caná – Julius Schnorr von Carolsfeld, 1820

Oração Final[21]

Mulher atenta em Caná, faz de nós pessoas com olhos abertos e mãos disponíveis.

Há tantos que se embriagam com o vinho ruim da falsa felicidade. Distanciam-se de Deus, de seus semelhantes, e destroem a natureza.

Necessitamos do vinho da alegria, de vida com sentido, com sabor, com beleza.

Maria, dá-nos o vinho de Jesus.

Que Ele multiplique nosso amor, pois as talhas do nosso coração são rígidas e imperfeitas.

Que Ele transforme nossas existências, da rotina para a qualidade, da indiferença para a fé apaixonada.

Maria, queremos tomar e partilhar o vinho de Jesus.

Ámen

[21] http://www.slideshare.net/AfonsoMurad/maria-nas-bodas-de-caná-e-na-cruz

Os textos seguintes foram escolhidos enquanto sugestões de leitura, de ajuda ao aprofundamento da reflexão.

Da carta de Brasília da ERI, 1 de Setembro de 2012

A nossa maior ousadia será a vivência da nossa relação conjugal - movida sempre pelo amor e pela abnegação - que deve ser testemunho de vida do casal e da família.

Em Chantilly, o Padre Caffarel afirmava a este respeito: "*Não existe amor sem abnegação, e não se pode praticar uma abnegação que não venha do amor*", pois só um amor abnegado e fiel é verdadeiro. E continuava: ***"A vida conjugal comporta grandes riquezas mas também grandes exigências "***.

Conferência de abertura, XI Encontro Internacional das ENS, Brasília

Timothy Radcliffe[22]

[…] A cada etapa da vossa vida de casados, descobrirão novos aspetos do que são e de quem é a pessoa com quem se casaram. Quando um de vocês é confrontado com a doença, mais uma vez ambos mudam. Se a outra pessoa tiver uma depressão ou a doença de Alzheimer, haverá uma nova descoberta a fazer. Estar casado é prometer continuar a viagem da descoberta, ser surpreendido por si e pelo outro. Martin Buber, filósofo judeu, falou da verdadeira amizade como "Santa Insegurança". Ninguém sabe no que se vai tornar quando empreende o caminho para Jericó.

Vocês prometem deixar a outra pessoa continuar a ser uma surpresa. Depois de algum tempo, a tentação pode ser pensar que decifraram a outra pessoa. Ouviram todas as histórias da sua infância, são capazes de prever as suas graças, sabem o que ela vai pedir no restaurante e do que se vai esquecer ao fazer a mala para as férias. Mas vocês

[22] Timothy Radcliffe 2012 Conferência de abertura. Brasília (Extratos).

prometem deixá-la surpreender-vos. Prometem surpreender-se convosco próprios!

Assim, todo o amor verdadeiro convida-nos a deixar de parte a nossa autodefinição. Não sei com antecedência quem é a pessoa de quem tenho de me tornar próximo. Parte do nosso testemunho cristão é não nos preocuparmos com quem somos. Quando Dietrich Bonhoeffer estava na prisão, era assombrado por questões sobre a sua própria identidade. Por fim, aprendeu a deixá-la nas mãos de Deus.

[…] Em primeiro lugar, vejamos a fidelidade. Na Última Ceia, Jesus deu-nos o seu corpo para sempre. Não importa que os discípulos não lhe sejam fiéis; ele ser-nos-á sempre fiel. Se o amor é a vida de Deus, então o amor deve ser eterno. O matrimónio é um sacramento do amor fiel de Deus porque é para o melhor e para o pior, «na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida». E nós acreditamos que o significado intrínseco do dom do vosso corpo a outra pessoa é que ele é dado para sempre. Será este um ideal longínquo e impossível?

[…] S. Tomás de Aquino escreveu que «no amor, os dois tornam-se um só mas permanecem distintos». A arte de amar sabe quando ser um e quando ser dois, quando estar próximo e quando dar espaço. Por vezes, posso querer intimidade, mas o outro tem necessidade de respirar. Ou talvez eu queira estar sozinho, mas vejo que a outra pessoa deseja um abraço. O verdadeiro amor consiste em estar aberto àquilo de que o outro precisa nesse momento. Às vezes, os adolescentes que atravessam um período difícil não sabem o que querem. Se os abraçamos, dirão: «Deixe-me em paz», e, se o fizermos, dirão: «Ninguém gosta de mim». Nada está bem. E amá-los significará suportar esse período de confusão.

[…] Permitam-me que me cite: «A Última Ceia ensina-nos que o cerne de uma moral sexual cristã é a renúncia à violência. Procuramos a reciprocidade e a igualdade. Quando alguém deseja o corpo de outra pessoa, esse desejo não deve ser ávido, procurando apoderar-se do corpo, como se este fosse um pedaço de carne a ser devorado. Temos

de aprender a desejar de forma a deleitar-nos com o outro, a prezar a sua vulnerabilidade, a ter prazer na sua existência. Devemos deleitar-nos com o outro como Deus se deleita connosco, ternamente e sem dominação. Se houver posse, esta tem de ser mútua. Como diz S. Paulo, "*A esposa não pode dispor do próprio corpo, mas sim o marido; e, do mesmo modo, o marido não pode dispor do próprio corpo, mas sim a esposa*" (1 Coríntios 7, 4)».

Se queremos chegar às pessoas no mundo das relações feridas, então temos de ousar encarar toda a violência no nosso próprio casamento, seja ela palavras que ferem, desprezo ou mesmo violência na nossa sexualidade. Então seremos capazes, como o Senhor ressuscitado, de dizer às outras pessoas feridas: «A paz esteja convosco».

O casamento, ato de Cristo

Padre Luis de Raynal[23]

O sacramento do casamento vem unir duas almas, duas vidas, mas um terceiro associa-se a essa união: Cristo casa os esposos e serve-se deles para ministros. Não é só no dia da celebração do casamento que Cristo oferece aos esposos as suas graças de amor, mas igualmente ao longo da vida onde Cristo não estará somente perto deles mas neles.

O Padre Caffarel fala do sacramento do matrimónio como de uma fonte permanente de graça para os esposos enquanto durar a sua união conjugal:

"O casamento permanece, logo após a sua realização, uma fonte de graças: a sua união, o seu compromisso permanente não deixa de ser, para os esposos, a sua própria aliança à graça do Senhor, com a qual Deus se serve para santificar, espiritualizar, divinizar cada um, assim como aperfeiçoar o seu amor e a sua união."

[23] Père Louis de Raynal 2010 La bonne Nouvelle du Mariage – Le Père Caffarel, prophète pour notre temps. Dijon. L'échelle de Jacob: 85-87 (T. N.).

O Padre Caffarel enumera algumas das graças de amor que Cristo não cessa de dispensar a um lar cristão: cura e purificação, transfiguração e fecundidade.

Uma primeira graça é uma graça de cura e purificação: a figura de Cristo é aqui a do Samaritano vigilante que acolhe e cura o homem, cujo amor está ferido. Ele vem curar a doença espiritual, o egoísmo e também a febre carnal. A graça de Deus ensina os esposos a se abrirem e a se darem mutuamente.

Uma segunda graça dada por Cristo é a da transfiguração: o mistério de Cristo vivido pelos esposos é também o mistério pascal da morte e ressurreição. Diariamente num lar, os esposos fazem aprendizagem dum amor muitas vezes trabalhoso e crucificado: aprendem, pela graça de Cristo, não só a manter o seu amor mas igualmente a se superarem. Este mistério dos mortos e ressurreições diárias conduz para a morte e a ressurreição final.

Uma terceira graça recebida pelo casal é a graça da fecundidade: o amor conjugal habitado por Cristo dá uma nova dimensão à fecundidade humana. Este novo valor é de dar filhos a Deus: levando os filhos a serem batizados, promovendo e cultivando neles o espirito e graça do batismo. Os esposos cristãos são capazes então de dar um profundo sentido aos filhos e à educação.

[Citando de novo o Padre Caffarel]:

“Colaboradores de Deus e Coredentores com Cristo, os pais têm o dever, não somente o despertar no seu filho o sentido de Deus, mas de modelar pouco a pouco à semelhança do seu Irmão divino cultivando as graças do seu batismo. A graça do matrimónio dá-lhes o coração de Deus, as mãos de Deus para criar dia após dia, uma obra- prima: uma criança semelhante ao seu Filho.”

O sacramento do matrimónio é uma graça de Cristo. Com o sacramento como sinal de graça, nós situámo-nos até aqui ao lado de Deus. Mas como agimos nós como esposos?

Reunião 4

OUSAR O EVANGELHO

Ser família e cuidar dela

Introdução

A Festa da Sagrada Família já nos mostra Jesus, com doze anos, a subir ao templo com os pais pela festa da Páscoa (Lc 2,41-52). Aos 12 anos, em Israel um adolescente era declarado "bar-mitsvá" (=filho da Lei) e considerado adulto na Lei, podendo proclamá-la e comentá-la na sinagoga.

Foi o que Jesus fez, dialogando de igual para igual com os doutores. O texto revela mais do que um jovem superdotado a desafiar os seus mestres com perguntas difíceis; **Jesus tinha feito uma opção de vida:** *«Não sabíeis que Eu devo estar na casa de meu Pai?»* É natural que os pais não entendessem**.** Mas respeitaram-no. Retribuindo**,** *«Jesus desceu com eles para Nazaré e era-lhes submisso»*.

O texto alerta-nos para a dificuldade de entender os filhos e simultaneamente a necessidade de os respeitar.

Leitura do Evangelho: Lucas 2, 41-52[24]

Jesus entre os doutores

41Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da
Páscoa. 42Quando Ele chegou aos doze anos, subiram até lá,
segundo o costume da festa. 43Terminados esses dias,
regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os
pais o soubessem. 44Pensando que Ele se encontrava na
caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-lo
entre os parentes e conhecidos. 45Não o tendo encontrado,
voltaram a Jerusalém, à sua procura. 46Três dias depois,
encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-
los e a fazer-lhes perguntas. 47Todos quantos o ouviam,

[24] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Lc_2

estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas. [48]Ao vê-lo, ficaram assombrados e sua mãe disse-lhe: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!» [49]Ele respondeu-lhes: «Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» [50]Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse.

[51]Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. [52]E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.

Tempo de silêncio, tempo de oração a partir do Evangelho

Partilha e pôr em comum

Deus, que veio ao mundo no seio de uma família, manifesta que esta instituição é caminho certo para O encontrar e conhecer, assim como uma chamada permanente para trabalhar pela unidade de todos em redor do amor.

(…) Nela também se partilham os sofrimentos e as alegrias, sentindo-se todos protegidos pelo carinho que reina em casa pelo simples facto de serem membros da mesma família[25].

Partilha

- Cada um de nós tem consciência da presença de Deus na construção quotidiana da nossa vida conjugal? (oração individual).
- Como vivenciamos a graça de Cristo no meio da família? (oração em casal e família).
- À semelhança de Maria e José, naqueles três dias de angústia, como nos ajudamos um ao outro e no seio da família, face às dificuldades com que nos deparamos no nosso dia a dia? (dever de se sentar).

---

[25] Bento XVI 2009 *Angelus.* Praça de São Pedro. Domingo, 27 de Dezembro.

- Maria e José, depois do "choque" dão-nos testemunho do respeito pela liberdade e pela confiança no filho. Que teremos nós que mudar para seguirmos o exemplo de Maria e José? (regra de vida).

Pôr em comum

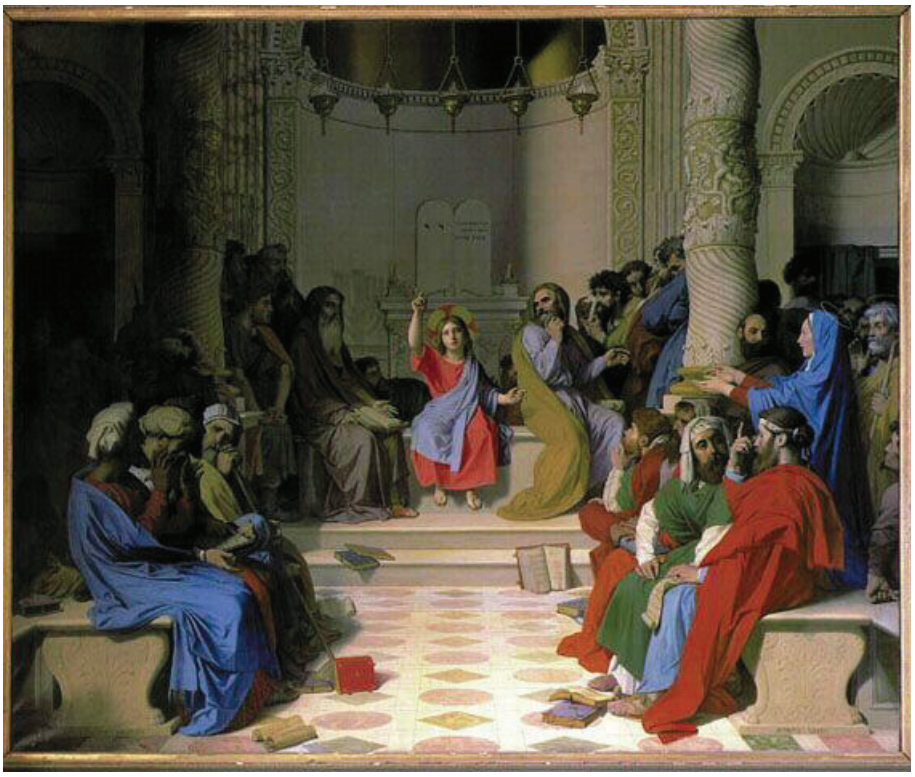
Que sofrimentos e alegrias na nossa vida de família, gostaríamos de partilhar com os outros elementos da equipa?

Reflexão sobre o Tema

Neste texto, Lucas (2, 41-52) dá-nos conta que Jesus, tendo nascido e crescido numa família humana, afirma pela primeira vez que é Filho de Deus. Entretanto aceita a sua condição de Homem e segue os pais.

Poderemos imaginar o que estes pais se afligiram confrontados com a afirmação da Sua opção de vida. Naturalmente não entenderam, mas respeitaram-nO.

Nossa Senhora, sempre vigilante, guardava tudo no seu coração.



Jesus entre os doutores – Ingres, 1862

Oração Final

Oração pela família

Senhor Jesus Cristo, vós restaurastes a família humana restabelecendo a primitiva unidade e vivendo com Maria, Vossa mãe e São José, Vosso pai adotivo, em Nazaré.

Afastai de todas as famílias os males que a ameaçam. Ajudai-nos a promover nas famílias, em todos os lares, os sentimentos e os propósitos de união indissolúvel, amor generoso, fidelidade permanente e perseverança constante na vossa graça.

Assim seja!

Os textos seguintes foram escolhidos enquanto sugestões de leitura, de ajuda ao aprofundamento da reflexão.

A Infância de Jesus, Epílogo

Joseph Ratzinger, Bento XVI[26]

[…] Voltemos aos pais de Jesus. A *Torah* prescrevia que cada israelita, por ocasião das três grandes festas - da Páscoa, das Semanas (Pentecostes) e das Cabanas - se devia apresentar no Templo (cf. *Ex* 23, 17; 34, 23-24; *Dl* 16, 16-17). Se as mulheres também estavam obrigadas a esta peregrinação ou não era objeto de discussão entre as escolas de Shammai e Hillel. Para os adolescentes, a obrigação vigorava depois de completarem 13 anos; entretanto, valia também a prescrição de que eles deviam habituar-se pouco a pouco aos mandamentos e que, para isso, podia servir a peregrinação já aos 12 anos de idade. O facto de Maria e Jesus terem participado na peregrinação prova uma vez mais a religiosidade da família de Jesus.

Neste contexto, fixemos a nossa atenção também no sentido mais profundo da peregrinação: indo três vezes por ano ao Templo, Israel permanece, por assim dizer, um povo de Deus em peregrinação, um povo que está sempre a caminho do seu Deus e recebe a sua identidade e a sua unidade sem cessar do encontro com Deus no único Templo. A Sagrada Família insere-se nesta grande comunidade a caminho do Templo e de Deus.

Na viagem de regresso, sucede um imprevisto. Jesus não parte com os outros, e fica em Jerusalém. Os seus pais só se apercebem disso no fim do primeiro dia de regresso da peregrinação; para eles, evidentemente, era normal supor que o filho estivesse em qualquer parte na grande comitiva; esta é designada por Lucas pela palavra *synodía* - «comunidade de caminho» o termo técnico para dizer caravana. Com base na nossa imagem talvez demasiado tacanha da

[26] Joseph Ratzinger – Bento XVI 2012 *Jesus de Nazaré - A infância de Jesus.* Cascais. Princípia: 102-103.

Sagrada Família, este facto surpreende; e todavia ele mostra, de maneira muito bela, como na Sagrada Família estavam bem conciliadas a liberdade e a obediência. O adolescente de 12 anos era deixado livre para decidir juntar-se aos coetâneos e amigos e ficar na sua companhia ao longo do caminho. Mas, à noite, esperavam-no os pais.

O facto de Jesus não se apresentar não tem nada a ver com a liberdade dos jovens, remetendo antes, como se verá, para outro nível: a missão particular do Filho. Para os pais, começaram assim dias cheios de ansiedade e preocupação. O evangelista conta que só depois de três dias é que eles encontraram Jesus no Templo, sentado no meio dos doutores, enquanto os ouvia e interrogava (cf. *Lc* 2,46).

Familiaris Consortio[27]

João Paulo II

6. A situação da família no mundo de hoje

A situação em que se encontra a família apresenta aspetos positivos e aspetos negativos: os primeiros, sinal da salvação de Cristo operante no mundo; os outros, sinal da recusa do homem ao amor de Deus.

Por um lado, de facto, constata-se consciência mais viva da liberdade pessoal, maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimónio, à promoção da dignidade da mulher, à procriação responsável, à educação dos filhos. Acrescente-se além disso, a consciência da necessidade de desenvolver relações entre as famílias por uma ajuda recíproca espiritual e material, a redescoberta da missão eclesial própria da família e da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa.

Por outro lado, não faltam sinais de degradação preocupante quanto a alguns valores fundamentais: errada conceção teórica e prática da independência dos esposos entre si; graves ambiguidades acerca da

[27] http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio_po.html

relação de autoridade entre pais e filhos; dificuldades concretas, que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; número crescente dos divórcios; praga do aborto; recurso cada vez mais frequente à esterilização; instauração de verdadeira e própria mentalidade contracetiva.

Na raiz destes fenómenos negativos está muitas vezes a corrupção do conceito e exercício da liberdade concebida não como capacidade de realizar a verdade do desígnio de Deus sobre o matrimónio e a família, mas como força autónoma de afirmação de cada qual, não raramente contra os outros, para atingir o próprio bem-estar egoístico.

Merece também a nossa atenção o facto de que, nos países do chamado Terceiro Mundo, faltem muitas vezes às famílias quer os meios fundamentais para a sobrevivência, como o alimento, o trabalho, a habitação, os medicamentos, quer as mais elementares liberdades. Nos países mais ricos, pelo contrário, o bem-estar excessivo e a mentalidade consumística, paradoxalmente unida a certa angústia e incerteza quanto ao futuro, tiram aos esposos a generosidade e a coragem de suscitarem novas vidas humanas. Assim a vida é muitas vezes concebida não como bênção, mas como risco de que é preciso precaver-se.

A situação histórica em que vive a família apresenta-se, portanto, como um conjunto de luzes e sombras.

Isto mostra que a história não é simplesmente um progresso necessário para o melhor, mas antes um acontecimento de liberdade, e mais ainda um combate entre liberdades que se opõem entre si; isto é, segundo a conhecida expressão de Santo Agostinho, um conflito entre dois amores: o amor de Deus levado até ao desprezo de si próprio, e o amor de si próprio levado até ao desprezo de Deus.

Daqui se segue que só a educação do amor, radicada na fé, pode levar a adquirir a capacidade de interpretar «os sinais dos tempos», que são a expressão histórica deste duplo amor. (pp.14-15)

Imagem e mistério

Henri Caffarel[28]

Mas o seu ofício sacerdotal de mediador não se limita à intercessão. Todas as alegrias e todas as penas da família (e só Deus sabe quantas há ao longo de uma existência, tanto leves como pesadas!), todos os trabalhos e descansos, todas as pessoas e bens, tudo o que é a substância e a vida do lar, Ele toma nas «suas santas e adoráveis mãos» e oferece tudo isso ao seu Pai, intimamente misturado com o seu sacrifício. Mas também, em sentido inverso, voltando-se, desta vez, para o lar, Ele oferece-lhe as riquezas que recebe do seio do Pai: bens terrestres e bens sobrenaturais, tudo o que é necessário ao crescimento, ao desenvolvimento humano e espiritual do lar, à sua santidade. E muito frequentemente será este o perdão do Pai que transmitirá ao lar, não sem o convidar a que recorra ao sacramento da Penitência.

Que alegria, que reconforto, que segurança para os membros do lar, quando compreendem que não são únicos, que não lutam sozinhos, mas que Cristo, *o seu sacerdote,* luta e ora em casa deles e com eles.

[…] Mas, ainda mais amplamente que o marido e a esposa, é o lar inteiro que Cristo-sacerdote quer associar a Si. Ele faz da família inteira uma comunidade sacerdotal em quem, com quem e por quem Ele pretende adorar, oferecer-se e louvar o Pai. Uma comunidade que Ele também associa a Si mesmo para interceder a favor de todos os habitantes do prédio, de todas as famílias da rua e da cidade e, até, para além do horizonte visível, de todos os homens.

[28] Henri Caffarel 2009 Espiritualidade Conjugal – Uma palavra suspeita. Cascais. Princípia.

Reunião 5

OUSAR O EVANGELHO

Viver em família em todo o seu tempo

Introdução

Viver em família pressupõe fazer permanentemente escolhas. Como acontece com Marta e Maria a quem Jesus chama a atenção para o essencial. Esse essencial pressupõe a fidelidade a Deus, à pessoa de Jesus e, no caso da família, ao projeto imaginado. Em ambiente de permanente mudança e incerteza, para a família ser âncora é obrigada a escolhas nem sempre óbvias, Maria escolheu a melhor parte!

A ideia central em Lucas é a da importância de Cristo naquela casa que torna o bulício das tarefas secundário. T. Radcliffe (Conferência de 23 de Junho de 2012, Brasília) referindo-se à fidelidade afirma: *Na Última Ceia, Jesus deu-nos o seu corpo para sempre. Não importa que os discípulos não lhe sejam fiéis; Ele ser-nos-á sempre fiel. Se o amor é a vida de Deus, então o amor deve ser eterno. O matrimónio é um sacramento do amor fiel de Deus porque é para o melhor e para o pior, «na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida»*.

É esta presença de Cristo dentro da casa, que permite à família ser fiel à sua missão de âncora em cada tempo.

Leitura do Evangelho: Lucas 10, 38-42

Em casa de Marta e Maria[29]

38 Continuando o seu caminho, Jesus entrou numa aldeia. E uma
mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. 39 Tinha ela
uma irmã, chamada Maria, a qual, sentada aos pés do Senhor,
escutava a sua palavra. 40 Marta, porém, andava atarefada com
muitos serviços; e, aproximando-se, disse: «Senhor, não te

[29] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Lc_10

preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar.»

[41]O Senhor respondeu-lhe: «Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; [42]mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.»

Tempo de silêncio, tempo de oração a partir do Evangelho

Partilha e pôr em comum

Marta e Maria, sendo irmãs, revelam diferentes modos de encarar a vida. Jesus embora diga que Maria escolheu a melhor parte, não deixa de acolher a ação de Marta (decerto, comeu o almoço que ela preparou!). As famílias são assim, todos diferentes continuando a ser família. Isso obriga-as à abertura a essa diferença mesmo fora de muros. Implica abertura aos outros e sentido de inclusão de todos os que se vão, também, tornando família.

Partilha

- Com quem nos identificamos mais? Com Marta ou com Maria? Havendo lugar para as duas, em cada um de nós, como conciliamos a necessidade de parar com as tarefas que nos assolam a todos? (oração individual).
- Como acolhemos as diferentes formas de relação com Deus, dos membros das nossas famílias? Como ajudamos cada um respeitando a sua liberdade e aceitando as diferenças? (oração em casal e família).
- Como analisamos e nos ajudamos na nossa missão de âncoras ao longo da vida, com as mudanças que se vão operando, em nós e nos que nos rodeiam? (dever de se sentar).
- O que podemos fazer para escolher a melhor parte em cada momento do nosso quotidiano? (regra de vida).
- O retiro anual é uma oportunidade de "parar", ao jeito de Maria. Já assumimos este compromisso para este ano?

Pôr em comum:

Teremos alguma situação da nossa vida familiar que se identifique com esta visita de Jesus às suas amigas e que queiramos contar aos outros elementos da Equipa?

Reflexão sobre o Tema

Em Lucas, 10, 38-42 é narrado um episódio de uma visita de Jesus a uma casa de amigos em plena rotina do dia-a-dia.

- Neste contexto Maria aproveita a oportunidade para ouvir Jesus e Marta, atarefada como estava, nem se percebeu da importância dessa oportunidade para conviver com o amigo.
- Marta critica Maria e Jesus chama a atenção afirmando que ela escolheu a melhor parte.
- No mundo atual em que o próprio conceito e perceção de tempo se alterou (todos nos queixamos da falta de tempo) e o papel da família como âncora tem sofrido várias condicionantes, a reflexão sobre esta "história" pode ser uma ajuda exemplar.

Jesus em casa de Marta e Maria – Vermeer, 1654

Oração Final

Oração pela família[30]

Ó Deus, de quem procede toda a paternidade no céu e na terra, faz com que nesta terra, por teu Filho Jesus, "nascido de mulher", e pelo Espírito Santo, fonte de caridade divina, cada família humana se torne um verdadeiro santuário de vida e amor para as gerações que se renovam sem cessar.

[30] João Paulo II. *In* http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/spaulo/orar.html

Que tua graça oriente os pensamentos e as ações dos esposos para o bem das suas famílias e de todas as famílias do mundo.

Que as jovens gerações encontrem na família um apoio inquebrantável, que as torne sempre mais humanas e as faça crescer na vida e no amor.

Que o amor, fortalecido pela graça do sacramento do matrimónio, seja mais forte que todas as fraquezas e crises, conhecidas pelas nossas famílias.

Enfim, pedimos-Te por intercessão da Sagrada Família de Nazaré, que, em todas as ações da terra, a Igreja possa cumprir com fruto a sua missão na família e pela família.

Ámen

Os textos seguintes foram escolhidos enquanto sugestões de leitura, de ajuda ao aprofundamento da reflexão.

Familiaris Consortio[31]

João Paulo II

O amor, princípio e força de comunidade.

18. A família, fundada e vivificada pelo amor, é uma comunidade de pessoas: os esposos, homem e mulher, os pais e os filhos e os parentes. O seu primeiro dever é viver fielmente a realidade da comunhão num constante empenho por fazer crescer a autêntica comunidade de pessoas.

O princípio interior, a força permanente e a meta última de tal dever é o amor. Como, sem o amor, a família não é uma comunidade de pessoas, assim também, sem o amor, a família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas. Quando escrevi na

[31] http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio_po.html

Encíclica Redemptor Hominis encontra, exatamente na família como tal, a sua aplicação original e privilegiada: «O homem não pode viver sem amor. Permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se não se encontrar com o amor, se não o experimentar e se não o tornar algo próprio, se nele não participar vivamente»

O amor entre o homem e a mulher no matrimónio e, consequentemente de modo mais amplo, o amor entre os membros da mesma família - entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, entre parentes e familiares - é animado e sustentado por um dinamismo interior e incessante, que leva a família à *comunhão* cada vez mais profunda e intensa, fundamento e alma da *comunidade* conjugal e familiar.

A «tentação da santidade»

Henri Caffarel[32]

Proponho-me pois dar-vos uma introdução à «espiritualidade do cristão casado». Mas, desde o início, reafirmemos que: não há várias santidades, há apenas uma perfeição cristã. São Tomás de Aquino definiu-a assim: «Todo o ser é perfeito desde que atinja a sua finalidade, que é a sua última perfeição; ora, a última finalidade da vida humana é Deus e é a caridade que nos une a Ele, segundo as palavras de São João: "Aquele que permanece na caridade está em Deus e Deus nele." É pois especialmente na caridade que consiste a perfeição da vida cristã». Para o leigo, para o religioso, a santidade é a mesma, define-se do mesmo modo.

Todo o cristão - e portanto também todo o cristão casado - é chamado à perfeição.

No entanto, é necessário reconhecer que, quando tomam consciência disso, os leigos entram por vezes em pânico diante desta perspetiva da santidade. Nada é tão impressionante como esta confissão de Jacques

[32] Henri Caffarel 2009 *op.cit.*

Rivière: «Meu Deus afasta de mim a tentação da santidade. Não é para mim. Contentai-vos com uma vida pura e paciente que eu farei todos os esforços para vos dar. Não me priveis das alegrias deliciosas que conheci, que tanto amei, que tanto aspiro a reencontrar. Não confundais. Eu não sou da espécie que precisas. Eu sou casado e pai, sou escritor. Não me tenteis com coisas impossíveis. Perderia o meu tempo nisso - tempo que posso empregar de outra forma ao teu serviço!». (p. 34)

Sem o dia do Senhor não podemos viver

Timothy Radcliffe[33]

Em *Lei, Amor e Linguagem,* Herbert McCabe escreveu que o mandamento de santificar o sábado - o *Shabat* - com o repouso «visava a idolatria do trabalho. Tal como os ídolos são "obras das mãos do homem", também o trabalho pode sempre tornar-se um ídolo, um meio de alienação... O sábado existe para não permitir que sejamos absorvidos numa história de sucesso, para evitar que sejamos escravos da produtividade e do lucro». Num mundo em que as pessoas encontram o sentido para a vida no seu trabalho, o que se faz quando se não está a trabalhar não tem grande importância. Não se trabalha para se poder eventualmente repousar. Os tempos de ócio existem para que se possa voltar de novo ao trabalho. O que se faz nos tempos livres, no nosso *Shabat*, não tem importância, desde que na segunda-feira de manhã, descansado, se volte ao trabalho. Cito outra vez McCabe:

Um homem deve fazer o que lhe mandam durante o tempo de trabalho, mas no seu lazer (não-trabalho) tem a liberdade de fazer, acreditar, adorar, ler, o que lhe agrada. É apenas na medida em que tocam na relação de trabalho que estas coisas são restringidas... Nesta sociedade, a cultura tende a tornar-se um jogo privado porque é «livre», sem importância e, porque é irrelevante, nem vale a pena controlar. Filósofos, cientistas, romancistas e teólogos não têm de se

[33] Timothy Radcliffe 2011 *op. cit.*

sentir responsáveis para com a sociedade pelo que dizem, porque ninguém os leva a sério.

Josef Pieper escreve, no seu maravilhoso livrinho *Lazer, A Base da Cultura,* que temos de redescobrir as prioridades de qualquer sociedade civilizada. A palavra para trabalho em grego – αχολι - vem de «não estar em lazer»,– αχολια - tal como o latim *negotium*, «negócio, ocupação, emprego», vem de *neg-otium,* não-ócio, não lazer. Devemos portanto ser libertados de uma bárbara ética do trabalho que faz do nosso emprego, se tivermos a sorte de ter um, o centro das nossas vidas e o nosso lazer um apêndice ao tempo em que estamos a trabalhar. O *Shabat* convida-nos, para lá da idolatria do trabalho, a adorar o verdadeiro Deus em liberdade. (pp. 283-284)

[…] Antecipamos certamente o nosso repouso em Deus, não apenas por interrompermos o trabalho, mas pela qualidade da presença recíproca. Temos necessidade de momentos de lazer em que, com toda a serenidade, estamos nus diante de Deus e aos olhos daqueles que amamos. Leva tempo desvelarmo-nos, deixar que nos vejam na nossa complexidade e nas nossas contradições. Não nos podemos mostrar num instante. Temos necessidade de momentos de descanso - *Shabat* - uns com os outros, com as nossas famílias, os nossos amigos, as nossas comunidades religiosas, em que nos aproximamos da visibilidade, confiantes num olhar misericordioso. Quando se faz profissão nos Dominicanos, pede-se a misericórdia de Deus e a dos irmãos. É só confiando num olhar de misericórdia, em olhos de perdão, que ousamos viver uns com os outros. Isto implica tempo para que possa dizer quem sou e aprender quem é o meu companheiro. Precisam tempo para descobrir que, aos olhos dos outros, temos valor e que a minha vida tem uma coerência e um sentido. Ser amado é ser visto de uma certa maneira: que consiste em ser mais do que útil, mais do que divertido, mais do que desejável. É ser visto não como um objeto, mas como um sujeito, alguém que responde ao nosso olhar. (p. 301)

Carta Apostólica '*Dies Domini*'[34]

João Paulo II

19. «Nós celebramos o domingo, devido à venerável ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, não só na Páscoa, mas inclusive em cada ciclo semanal»: assim escrevia o Papa Inocêncio I, nos começos do século V,(15) testemunhando um costume já consolidado, que se tinha vindo a desenvolver logo desde os primeiros anos após a ressurreição do Senhor. S. Basílio fala do «***santo domingo, honrado pela ressurreição do Senhor, primícia de todos os outros dias***».(16) S. Agostinho chama o domingo «***sacramento da Páscoa***».(17)

25. O domingo, com efeito, é o dia em que, mais do que qualquer outro, o cristão é chamado a lembrar a salvação que lhe foi oferecida no baptismo e que o tornou homem novo em Cristo. «*Sepultados com Ele no baptismo, foi também com Ele que ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que O ressuscitou dos mortos*» (*Col* 2,12; cf. *Rom* 6,4-6). A liturgia põe em evidência esta dimensão baptismal do domingo, quer exortando a celebrar os baptismos, para além da Vigília Pascal, também neste dia da semana «em que a Igreja comemora a ressurreição do Senhor»,(24) quer sugerindo, como oportuno rito penitencial no início da Missa, a aspersão com a água benta, que evoca precisamente o evento baptismal em que nasce toda a existência cristã.(25)

29. Por todas estas dimensões que o caracterizam, o domingo revela-se como o dia da fé por excelência. Nele, o Espírito Santo, «memória» viva da Igreja (cf. *Jo* 14,26), faz da primeira manifestação do Ressuscitado um evento que se renova no «hoje» de cada um dos discípulos de Cristo. Encontrando-O na assembleia dominical, os crentes sentem-se interpelados como o apóstolo Tomé: «*Chega aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente*» (*Jo* 20,27). Sim, o domingo é o

[34] http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_05071998_dies-domini_po.html

dia da fé. Salienta-o o facto de a liturgia dominical, como de resto a das solenidades litúrgicas, prever a profissão de fé.

O ***Credo***, recitado ou cantado, põe em relevo o carácter baptismal e pascal do domingo, fazendo deste o dia em que, por título especial, o baptizado renova a própria adesão a Cristo e ao seu Evangelho, numa consciência mais viva das promessas baptismais. Acolhendo a Palavra e recebendo o Corpo do Senhor, ele contempla Jesus ressuscitado, presente nos "sinais sagrados», e confessa com o apóstolo Tomé: «Meu Senhor e meu Deus!» (*Jo* 20,28).

Um dia irrenunciável!

30. Compreende-se assim, porque mesmo no contexto das dificuldades do nosso tempo, a identidade deste dia deva ser salvaguardada e, sobretudo, vivida profundamente. Um autor oriental, do início do século III, conta que em toda a região os crentes, já então, santificavam regularmente o domingo.(36) A prática espontânea tornou-se depois, norma sancionada juridicamente: o dia do Senhor ritmou a história bimilenária da Igreja. Como se poderia pensar que ele deixe de marcar o seu futuro? Os problemas que, no nosso tempo, podem tornar mais difícil a prática do dever dominical, não deixam de sensibilizar a Igreja permanecendo maternalmente atenta às condições de cada um dos seus filhos. De modo particular, ela sente-se chamada a um novo esforço catequético e pastoral, para que nenhum deles, nas condições normais de vida, fique privado do abundante fluxo de graças que a celebração do dia do Senhor traz consigo. Dentro do mesmo espírito, tomando posição acerca de hipóteses de reforma do calendário eclesial em concomitância com variações dos sistemas do calendário civil, o Concílio Ecuménico Vaticano II declarou que a Igreja «só não se opõe àqueles que conservem a semana de sete dias, e com o respectivo domingo». (37) No limiar do terceiro Milénio, a celebração do domingo cristão, pelos significados que evoca e as dimensões que implica, relativamente aos fundamentos mesmos da fé, permanece um elemento qualificante da identidade cristã.

Reunião 6

OUSAR O EVANGELHO

Descobrir o próximo na sociedade que nos envolve

Introdução

Ousar descobrir o próximo significa olhá-lo com disponibilidade, numa atitude de acolhimento e atenção a exemplo do que Jesus fez com a mulher adúltera. Ele viu-a para além do "rótulo" que a sociedade lhe atribuía, para além da sua condição marginal de mulher, como era uso na sociedade desse tempo.

Os escribas e os fariseus, que trouxeram a mulher para ser julgada, pretendiam, também, pô-lO à prova, face à lei. Mas Jesus foi, como sempre, desconcertante e remete para os acusadores a sua aplicação, mas, não sem primeiro interpelar a consciência de cada um.

A ousadia de Jesus incita-nos ao risco de ousar a descoberta de cada outro, nomeadamente nos que a sociedade marginaliza, mesmo confrontando o contexto em que estamos inseridos.

Leitura do Evangelho: João 8, 1-11[35]

A mulher adúltera

[1]Jesus foi para o Monte das Oliveiras. [2]De madrugada, voltou outra vez para o templo e todo o povo vinha ter com Ele. Jesus sentou-se e pôs-se a ensinar. [3]Então, os doutores da Lei e os fariseus trouxeram-lhe certa mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio [4]e disseram-lhe: «Mestre, esta mulher foi apanhada a pecar em flagrante adultério. [5]Moisés, na Lei, mandou-nos matar à pedrada tais mulheres. E Tu que dizes?»

[6]Faziam-lhe esta pergunta para o fazerem cair numa armadilha e terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se para o chão,

[35] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Jo_8

pôs-se a escrever com o dedo na terra. [7]Como insistissem em interrogá-lo, ergueu-se e disse-lhes: «Quem de vós estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra!» [8]E, inclinando-se novamente para o chão, continuou a escrever na terra. [9]Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher que estava no meio deles.

[10]Então, Jesus ergueu-se e perguntou-lhe: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?» [11]Ela respondeu: «Ninguém, Senhor.» Disse-lhe Jesus: «Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar.»

Tempo de silêncio, tempo de oração a partir do Evangelho

Partilha e pôr em comum

Jesus, face à mulher adúltera, confronta os doutores da lei. Quando foi interrogado, esperou, de maneira a que os acusadores tivessem tempo para pensar e usou de compaixão. Não a condenou, deu-lhe uma nova oportunidade, mandando-a embora e dizendo-lhe que não voltasse a pecar. Jesus tratou a mulher com humanidade, porque a misericórdia para com o pecador é a forma mais perfeita de lhe restituir a dignidade. Por isso se inclinou para o chão, para não humilhar ainda mais aquela mulher perante os que a acusavam. Mesmo o pecador, por maior que seja o seu pecado, tem uma dignidade que deve ser reconhecida e respeitada. E é isso que o dedo acusador não entende.

Também neste caso somos convidados a seguir o exemplo de Jesus e a não sermos precipitados nos juízos que fazemos sobre os outros: não julgueis e não sereis julgados, é o Seu mandamento.

Partilha

- Quantas vezes ignoramos, rotulamos, rejeitamos os que agem segundo princípios ou valores diferentes dos nossos? Temos consciência que isso nos afasta da proposta de Jesus? (oração individual)

- Como nos aproximamos de Jesus, e como promovemos a aceitação do outro, na sua diferença, em casal e em família, numa verdadeira atitude de acolhimento e de conversão? (oração em casal e em família)
- Somos capazes de discutir as nossas dificuldades e de nos ajudarmos na aceitação da diferença, na atenção e descoberta daqueles com que nos cruzamos nos vários contextos da sociedade que nos envolve? (dever de se sentar)
- Que atitudes teremos de alterar no que respeita aos nossos comportamentos em sociedade, de modo a promover a esperança, a compaixão, a generosidade, a justiça? (regra de vida)

Pôr em comum

Teremos algum relato da nossa experiência recente, na relação com os outros, nomeadamente aqueles que a sociedade despreza e que queiramos contar a todos?

Reflexão sobre o Tema

Jesus, quando lhe trouxeram a mulher adúltera sabia que O iriam interpelar. Podemos imaginar-nos a ser interpelados a propósito de alguém que assume comportamentos que nos chocam ou simplesmente, que a sociedade não aceita?

Os doutores da lei e os fariseus, portadores das suas seguranças, provocam Jesus levando-lhe a mulher apanhada em adultério. Quantas vezes somos confrontados e provocados, na condição de cristãos, postos à prova!

Façamos um esforço de reflexão sobre como procuramos descobrir os múltiplos "outros" com que nos cruzamos e como reagimos quando confrontados com as nossas próprias fraquezas.

A mulher apanhada em adultério – Harry Anderson, séc. XX

Oração Final[36]

Concede-me, Senhor meu Deus,
uma inteligência que Te conheça,
uma vontade que Te busque,

[36] S. Tomás de Aquino. *In* http://tusegueme.blogspot.pt/2008/04/orao-de-s-toms-de-aquino.html

uma sabedoria que Te encontre,
uma vida que te agrade,
uma perseverança que Te espere com confiança
e uma confiança que Te possua, enfim.
Ámen

Os textos seguintes foram escolhidos enquanto sugestões de leitura, de ajuda ao aprofundamento da reflexão.

Identificando-se com os outros

Albert Nolan[37]

O resumo final, apresentado por Mateus, do ensinamento de Jesus sobre o amor a Deus e ao próximo assume a forma de uma espécie de peça de teatro passada no tribunal, em que o juiz tem de separar as pessoas boas das más, as ovelhas dos cabritos (Mt 25,31-46). O ensinamento básico provém de Jesus, mas o recurso ao juízo final como técnica de dramatização desse ensinamento pertence a Mateus. Nenhum dos outros Evangelhos apresenta uma história como esta, embora todos eles transmitam o mesmo ensinamento fundamental acerca do amor a Deus e ao próximo. A narrativa de Mateus reforça, de várias formas, a nossa compreensão da espiritualidade de Jesus.

Em primeiro lugar, o critério de julgamento deste relato tem a ver com a forma como aqueles que comparecem perante o juiz trataram os outros seres humanos. Não se pergunta nada acerca da sua atitude para com Deus, da sua fidelidade aos próprios deveres ou à lei do Shabat ou a quaisquer outras leis. As atividades que constituem o núcleo do julgamento são aquilo a que hoje chamaríamos «obras de misericórdia». Deste de comer aos famintos, de beber a quem tinha sede, acolheste o estrangeiro, vestiste os nus, cuidaste dos doentes e visitaste os que estavam na prisão? É isso que, na prática, significa amar o próximo; é esse o critério para julgar se amaste o próximo ou não.

---

[37] Albert Nolan 2009 *Jesus hoje.* Prior Velho. Paulinas Editora, cap. 7: 219-220.

A segunda característica deste julgamento é que amar o próximo é visto, na prática, como amar a Deus, quer a pessoa julgada tenha consciência disso ou não. Por isso, quando deste de comer aos que tinham fome, de beber aos que tinham sede, acolheste o estrangeiro, vestiste os nus, cuidaste dos doentes ou visitaste os presos, fizeste-o a Deus. E quando te recusaste a ajudar os famintos, os sedentos e os nus, quando não acolheste o estrangeiro ou quando ignoraste os doentes e os presos, deixaste de fazer isso a Deus... quer tenhas consciência disso ou não. A identificação de Deus com o próximo não podia ter sido expressa de maneira mais forte e eficaz.

A terceira coisa a notar é que o juiz se identifica com as *vítimas* que foram ajudadas ou não. Ao princípio, o juiz é descrito como o «Filho do Homem». Alguns versículos depois, é descrito como o «rei». Não se percebe se o juiz é Deus, Jesus, ou ambos. Deus identifica-se claramente com cada ser humano, por isso, façamos o que fizermos a qualquer um deles, fazemo-lo a Deus. Mas também foi isso que Jesus fez. A sua comunhão total com todos os outros seres humanos não podia ter sido expressa com mais propriedade do que com as palavras do juiz: «*Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.*» Tudo o que se fazia a alguém era sentido por Jesus como sendo feito a si próprio.

O desafio é óbvio e gritante. Seguir Jesus, hoje, significa identificar-me de tal modo com todos os meus irmãos e irmãs humanos, a ponto de poder dizer: «*Tudo o que lhes fizeres a eles, a mim mesmo o fareis.*» Por outras palavras, a minha identidade não é apenas com o meu eu individual e único. A minha identidade é o eu mais vasto da raça humana. Isto não deve ser entendido como uma simples metáfora ou comparação. Nós não somos desafiados a amar o nosso próximo *como se* ele fosse a nossa pessoa. O juiz da história contada por Mateus não diz, «*Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi* como se *a Mim mesmo o fizesses*», mas sim, «**a mim o fizestes**». A identificação é objetiva e real. Deus é um com todos os seres humanos, e nós somos um com os outros, quer tenhamos consciência disso ou não.

É importante tomar consciência disto, porque amarmo-nos uns aos outros brota espontaneamente da descoberta e da tomada de consciência contínua da nossa comunhão total mútua.

Aquilo a que me refiro aqui é a solidariedade própria de um mesmo povo. Geralmente, experimentamos este tipo de solidariedade em relação aos nossos parentes próximos. Uma mãe identifica-se de forma tão completa com o seu filho, que pode dizer: «*Tudo o que fizeres ao meu filho, a mim mesma o farás*.» Os irmãos poderão sentir o mesmo uns em relação aos outros. Os próprios membros de uma família ou clã alargados poderão experimentar laços de sangue tão fortes, que um insulto feito a um deles é experimentado como um insulto dirigido também aos outros.

O laço de pertença ao mesmo povo está na origem do amor ao próximo nas Escrituras hebraicas. No Levítico, o próximo corresponde «aos filhos do teu povo» (Lv 19,18). Deve-se amá-los como cada um se ama a si próprio. Isto pode ser extensivo ao estrangeiro que vive no meio do povo, ou ao estrangeiro «que vive contigo» (Lv 19,34; Dt 10,18-19), mas a mais ninguém, e certamente que não aos próprios inimigos.

Jesus tornou a solidariedade ou laço de pertença ao mesmo povo extensivos a toda a raça humana: «*Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos...*» (Mt 5,43-44). Via todos como seus irmãos e irmãs, mães, tios e tias. Identificava-se com eles - fossem eles quem fossem, quaisquer que tivessem sido os seus actos passados ou fosse qual fosse a forma como o tratavam. Jesus poderia dizer até em relação aos seus próprios inimigos: «*Tudo o que lhes fizestes, a mim o fizestes.*»

[38] Timothy Radcliffe 2011 op. cit.

Eu sou porque nós somos

Timothy Radcliffe[38]

[…] Quando Thomas Merton, depois de alguns anos no mosteiro, saiu pela primeira vez, em visita à cidade vizinha, ficou submergido pelo sentimento da beleza e bondade das pessoas que encontrou.

É um destino glorioso ser membro da raça humana, embora seja uma raça dedicada a muitas coisas absurdas e que comete erros enormes: no entanto, apesar de tudo isso, o próprio Deus gloriou-se de se fazer membro da raça humana. Um membro da raça humana! Pensar que uma realização tão trivial deveria, de repente, parecer como a notícia de que se tem o bilhete premiado de uma lotaria cósmica. Não há maneira de se dizer às pessoas que andam por aí a brilhar como o Sol... Não há estrangeiros... Se ao menos nos pudéssemos ver uns aos outros, todo o tempo, como na realidade somos. Não haveria mais guerra, nem ódio, nem crueldade, nem ganância... Suponho que o grande problema seria que nos prostraríamos a adorar-nos uns aos outros... a porta do céu está em toda a parte.

A Igreja deveria ser uma comunidade em que a beleza da banalidade se revela, porque no nosso Deus, cujo centro está em toda a parte e cuja circunferência não está em parte nenhuma, ninguém se deveria sentir à margem.

Na estrada para Jerusalém, os Apóstolos discutem entre si sobre quem dentre eles é o maior. Tiago e João, os filhos de Zebedeu, pedem a Jesus: «Concede-nos que nos sentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda na tua glória» (Mc 10,37). Desejam ter os lugares de topo, deliciar-se com a glória, ser elevados acima da concorrência. Não querem ser meros apóstolos, na condição inteiramente simples de apóstolos. Mas Jesus diz-lhes que «sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence concedê-lo; é para aqueles a quem está reservado» (10,40). E, de facto, quando foi levantado na sua glória sobre a cruz, foram dois ladrões vulgares, cujos nomes nem sequer foram conhecemos, que tiveram os lugares de honra. (Cap 7, pp. 204 – 207).

Familiaris Consortio[39]

João Paulo II

Graça e responsabilidade da família cristã

47.O dever social próprio de cada família diz respeito, por um título novo e original, à família cristã, fundada sobre o sacramento do matrimónio. Assumindo a realidade humana do amor conjugal com todas as suas consequências, o sacramento habilita e empenha os cônjuges e os pais cristãos a viver a sua vocação de leigos, e por tanto a «procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus» (113).

O dever social e político reentra naquela missão real ou de serviço da qual os esposos cristãos participam pela força do sacramento do matrimónio, recebendo ao mesmo tempo um mandamento ao qual não podem subtrair-se e uma graça que os sustenta e estimula. Em tal modo a família cristã é chamada a oferecer a todos o testemunho de uma dedicação generosa e desinteressada pelos problemas sociais, mediante a «opção preferencial» pelos pobres e marginalizados. Por isso, progredindo no caminho do Senhor mediante uma predilecção especial para com todos os pobres, deve cuidar especialmente dos esfomeados, dos indigentes, dos anciãos, dos doentes, dos drogados, dos sem família.

[39] http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio_po.html

Reunião 7

OUSAR O EVANGELHO

Ser família na comunidade eclesial

Introdução

No texto de João é-nos dada a garantia que o Pai cuida de nós enquanto comunidade. O amor, sempre presente nesta relação de Deus connosco, pressupõe a nossa responsabilidade para com os outros, irmanados no mesmo amor. Isto está implícito no convite para " dar frutos", para sermos "alegres". À família, em jeito de igreja doméstica, inserida na comunidade, está confiada essa missão e ainda a de cuidar sem nunca esquecer a recomendação d'Ele: amem-se uns aos outros.

Leitura do Evangelho: João 15, 1-17[40]

Unidos a Cristo para dar fruto

1«Eu sou a videira verdadeira e o meu Pai é o agricultor. 2Ele corta todo o ramo que não dá fruto em mim e poda o que dá fruto, para que dê mais fruto ainda. 3Vós já estais purificados pela palavra que vos tenho anunciado.

4Permanecei em mim, que Eu permaneço em vós. Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em mim. 5Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer. 6Se alguém não permanece em mim, é lançado fora, como um ramo, e seca. Esses são apanhados e lançados ao fogo, e ardem.

7Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e assim vos

[40] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Jo_15

acontecerá. [8]Nisto se manifesta a glória do meu Pai: em que deis muito fruto e vos comporteis como meus discípulos.» [9]«Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor. [10]Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu, que tenho guardado os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor. [11]Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa.

[12]É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. [13]Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. [14]Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. [15]Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai.

[16]Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça; e assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá. [17]É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros.»

Tempo de silêncio, tempo de oração depois do Evangelho

Partilha e pôr em comum

Somos ramos de uma mesma videira, somos o povo de Deus, mas só podemos dar frutos se nos mantivermos unidos em Cristo. Essa é também a força da família inserida na comunidade com responsabilidades eclesiais.

Partilha

- Como damos graças pelos dons que temos e como os alimentamos unidos na mesma videira que é Cristo? (oração individual).

- Que presença tem na nossa oração o cuidado com a nossa comunidade, com as suas preocupações e problemas, com os nossos pastores? Temos o cuidado de rezar por todos os que integram a Igreja, pelo povo de Deus e pelo florescer de todas as vocações? (oração em casal e família).
- Em que medida refletimos sobre a forma de, individualmente e em casal, participar de forma ativa, na vida da comunidade e Igreja local? Ou seja, de responder ao apelo, porque fomos escolhidos por Ele e quando somos chamados? (dever de se sentar).
- Teremos algo a mudar na nossa vida que nos ajude a permanecer na alegria do amor de Deus e facilitar o fluir da seiva através de nós? (regra de vida).

Pôr em comum

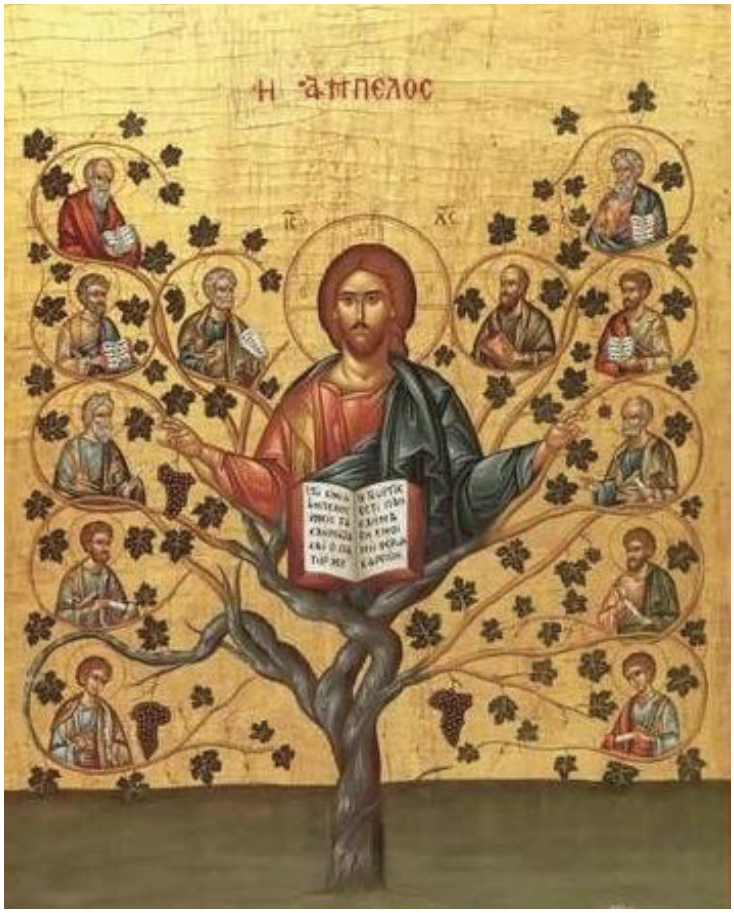
Teremos experiências de participação na vida da Igreja, na nossa comunidade, que influenciam o nosso modo de ser cristãos? Há outras experiências que queiramos contar?

Reflexão sobre o Tema

"Eu tenho-vos amor como o Pai me tem amor a mim, continuem sempre unidos no meu amor!"

Esta é a fonte de energia essencial da vida cristã e da vocação dos cristãos convocados para participar na construção do reino.

Este é o desafio de **Ousar o Evangelho,** que apela à responsabilidade na ação e ao cuidado com a comunidade.



Cristo videira

Oração Final[41]

Divino Espírito Santo

Enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor
Enviai Senhor o Vosso Espírito
E tudo será criado

[41] http://www.ens.pt/Document.mvc.aspx/Index/4

E renovareis a face da terra
Oh Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo,
Fazei que pelo mesmo Espírito saibamos o que é reto
E gozemos sempre da Sua consolação
Por Cristo Senhor Nosso
Ámen

Os textos seguintes foram escolhidos enquanto sugestões de leitura, de ajuda ao aprofundamento da reflexão.

Primeira Epístola aos Coríntios (14, 26-33)[42]

26 "Que é que acontece, afinal, irmãos? Quando vocês se reúnem, um
entoa um cântico, outro ensina alguma coisa, outro dá um
testemunho, outro faz oração numa língua desconhecida e outro dá a
explicação. Procurem fazer tudo isto de modo que os faça crescer na
fé. 27Se houver um ou dois ou, no máximo, três que queiram orar
numa língua desconhecida, podem fazê-lo, cada um por sua vez. Mas
que haja um outro que explique o que eles querem dizer. 28Se não
houver quem explique, que eles fiquem em silêncio naquela reunião e
falem só para si e para Deus.29Que dois ou três *profetas anunciem a
*Palavra de Deus e os outros deem a sua opinião sobre o que foi dito.
30Mas se Deus inspirar qualquer coisa a um que estava sentado, o que
estava a falar cale-se. 31Com efeito, vocês podem falar todos como
profetas, cada um por sua vez, para que todos aprendam e aproveitem
com as palavras uns dos outros. 32Além disso, o dom de anunciar a
Palavra de Deus está sujeito à apreciação dos outros profetas.33Pois,
Deus não gosta da desordem, mas sim da paz."

[42] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=1Cor_14
[43] http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

Gaudium et Spes[43]

A comunidade política e a Igreja

76. Sobretudo onde exista uma sociedade de tipo pluralista, é muito importante que se forme um conceito claro das relações entre a comunidade política e a Igreja e que se distinga claramente entre aquilo que os cristãos, individualmente ou em grupo, fazem em seu nome, como cidadãos levados pela sua consciência cristã, e aquilo que, em união com os seus pastores, fazem em nome da Igreja.

A Igreja, em razão da sua missão e competência, não pode confundir-se de modo nenhum com a comunidade política nem está ligada a nenhum sistema político; ela é, ao mesmo tempo, sinal e salvaguarda da dignidade da pessoa humana. No terreno que lhe é próprio, a comunidade política e a Igreja são independentes e autónomas. Mas ambas, embora a títulos diferentes, estão ao serviço da vocação pessoal e social dos mesmos homens.

Exercerão tanto mais eficazmente este serviço para bem de todos quanto mais cultivarem entre si uma sã cooperação, tendo em conta as circunstâncias de lugar e de tempo. Com efeito, o homem não está confinado somente à ordem temporal, mas, vivendo na história humana, guarda integralmente a sua vocação eterna. A Igreja, por seu lado, fundada no amor do Redentor, contribui para que lhe floresçam a justiça e a caridade dentro de cada nação e entre as nações. Pregando a verdade evangélica e iluminando todos os sectores da atividade humana com a sua doutrina e testemunho dos cristãos, respeita e promove a liberdade política e a responsabilidade dos cidadãos.

Quando os Apóstolos e os seus sucessores e os cooperadores destes são enviados para anunciar Cristo, Salvador do mundo, aos homens, no exercício do seu apostolado apoiam-se no poder de Deus, o qual muitas vezes manifesta a força do Evangelho na fraqueza das testemunhas. É preciso que todos os que se dedicam ao ministério da Palavra de Deus usem os caminhos e os meios próprios do Evangelho, os quais, em muitos pontos, são diferentes dos meios empregados pela cidade terrestre. (pp. 42-43)

A comunidade conjugal, célula da Igreja

Henri Caffarel[44]

Vemos porque é que a união de dois batizados deve ser considerada como um mistério». Ela não tem uma simples relação extrínseca com Cristo, com a união de Cristo e da Igreja - a relação da imagem com o seu arquétipo - mas antes uma relação real, essencial. A união homem-mulher está organicamente ligada à união Cristo-Igreja: participa da sua natureza, da sua vida, do seu carácter de mistério. É amparada, penetrada, irrigada, transfigurada por essa grandiosa união de Cristo e da Igreja.

Por outras palavras, a união Cristo-Igreja, em cada casal cristão, não só se manifesta como se atualiza.

Há uma expressão, a de «célula da Igreja», que traduz bem esta situação do casal no Corpo de Cristo. Célula base, célula germinativa, geradora, a mais pequena sem dúvida, mas também a mais fundamental do organismo eclesial.

Padres da Igreja e teólogos, no seguimento de São João Crisóstomo, chamam muitas vezes à família cristã «uma igreja em miniatura», *ecclesia mikra*. Esta fórmula, que entendem num sentido extrínseco, social, pode muito bem ser tomada num sentido infinitamente mais forte: o ser e a vida do casal participa *realmente* do ser e da vida da união Cristo-Igreja. Por isso, atenhamo-nos firmemente a esta primeira conclusão: *na união homem-mulher, célula da Igreja, manifestam-se e realizam-se a vida e o mistério da união Cristo-Igreja*.

Encontramos no plano do Corpo místico aquilo que nos ensinam os biólogos contemporâneos: cada célula do corpo humano contém todos os caracteres específicos do corpo na sua totalidade.

Assim, há que dizer que a união do homem e da mulher é «um grande mistério», no sentido paulino da expressão (Ef 5,32); um sacramento, no sentido da teologia católica: ou seja, um «sinal» que não só

[44] Henri Caffarel 2009 *op. cit*.

representa o mistério da união Cristo-Igreja mas que também o «*contém*» e o «*irradia*».

Não quero com isto dizer que desta página de Efésios se pode concluir imediatamente que o matrimónio é um dos sete sacramentos instituídos por Cristo. A Igreja, embora sempre tenha visto no matrimónio uma *res sacra*, esperou pelo século XII para declarar que ele é mesmo um dos sete sacramentos da nova Lei. Viveu esta doutrina e refletiu na sua prática antes de chegar à definição do matrimónio-sacramento. (p. 209)

Cidadãos do Reino

Timothy Radcliffe[45]

[…] Se a comunidade é sadia, não suprime a minha identidade pessoal: «Eu sou porque nós somos.» A Igreja deveria ajudar-nos a florescer, sendo uma comunidade na qual se pode falar com confiança. Mas a Igreja reivindica ser mais do que uma comunidade a que se pertence, a acrescentar ao clube local de bisca ou até à nossa nação. É o sacramento da unidade do género humano em Cristo. Mas o que significa isso?

Os cristãos usam frequentemente o termo «solidariedade» para expressar o sentido dessa pertença à comunidade humana. João Paulo II afirmou: «Quanto mais globalizado se torna o mercado, tanto mais devemos equilibrá-lo com uma cultura de solidariedade que dê prioridade às necessidades dos mais vulneráveis» '. Que poderá ser uma «cultura de solidariedade»? «Solidariedade» é uma palavra cujas raízes se encontram na França do início do século XIX e que exprimia a solidariedade do povo francês contra os inimigos, tais como os Ingleses. Era uma solidariedade baseada na exclusão, «nós» contra «eles», como o «nós» dos fariseus contra Jesus e o cego de nascença. Há um provérbio árabe que diz: «Eu contra o meu irmão, o meu irmão e eu contra o meu primo, o meu primo, o meu irmão e eu contra o

[45] Timothy Radcliffe 2011 *op. cit.*

mundo.» Mas qual seria o sentido de uma solidariedade que não excluísse ninguém, a ponto de não haver um «outro» contra quem me possa definir? Quando não há um «outro» a odiar, o nosso sentimento de identidade pode sentir-se ameaçado. Quando se deu a queda do comunismo, o Ocidente pôs-se ansiosamente à procura de outro inimigo.

Dizer-se católico é aceitar uma identificação: kath holon, de acordo com o todo, com a comunhão universal do Reino. É recusar uma identidade baseada na exclusão. (pp. 209 – 210)

[…] O Cristianismo está gravemente ferido na sua capacidade de dar testemunho em favor da futura unidade da humanidade, tanto por causa das divisões entre cristãos como por causa das divisões dentro das Igrejas. (p. 239)

[…] Como poderão os jovens encontrar o seu lugar numa comunidade que está tão zangada? Quem se sentirá atraído a uma Igreja, na qual se dedica tanta energia a ser agressivo para com os outros membros? (p. 239)

[…] Como poderemos curar as feridas do Corpo de Cristo? Como poderemos aprender a respirar de novo ao ritmo da Eucaristia, reunindo as pessoas em comunidade para a partilha do Pão e em tensão para fora, para a plenitude do Reino? (p.261).

Reunião 8

OUSAR O EVANGELHO

Construir o ecumenismo e a paz

Introdução

O ser humano é chamado a ser feliz. Mas feliz porque comprometido com os outros, porque assumindo compaixão pelos outros, não porque lhe oferecem uma felicidade apetecível. Somos chamados a ser felizes ao dar de comer ou de beber, ao vestir ou agasalhar, ao visitar ou acolher, ao ajudar a construir a paz e o ecumenismo, não tomando como diferentes os que Deus criou iguais.

A família é chamada à felicidade porque, homem e mulher se dão um ao outro e se doam nos filhos. A família entra plenamente no exercício da compaixão, dentro de casa e para fora de casa. Pela família se reconhece que som os iguais e se faz a paz no coração de cada um.

A família é o primeiro lugar que torna possível o exercício da compaixão permitindo alargá-lo ao mundo, contribuindo para a construção da paz.

Leitura do Evangelho: Mateus 25, 31- 40[46]

Juízo final

31«Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado
por todos os seus anjos, há-de sentar-se no seu trono de glória.
32Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as
pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos
cabritos. 33À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os
cabritos.
34O Rei dirá, então, aos da sua direita: 'Vinde, benditos de meu
Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde
a criação do mundo. 35Porque tive fome e destes-me de comer,

[46] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=P%C3%A1gina_principal

tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, [36]estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.'
[37]Então, os justos vão responder-lhe: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? [38]Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? [39]E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?' [40]E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: 'Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.'

Tempo de silêncio, tempo de oração depois do Evangelho

Partilha e pôr em comum

O que torna os homens verdadeiramente homens é a capacidade de exercício da compaixão. No juízo final, diz-nos S. Mateus, será exclusivamente por critérios "não religiosos" que seremos julgados. Realizamo-nos aos olhos de Deus, na medida em que exercemos a compaixão. As divisões entre os homens resultam de desvirtuarmos esta prática nas nossas relações: na apropriação de recursos em prejuízo dos outros, no condicionamento do seu desenvolvimento, na criação de dependências. Para que haja diálogo e construção da paz é necessário remover estes obstáculos.

Partilha

- Como preparamos o nosso caminho, ao longo da vida, para o encontro definitivo com Deus? (oração individual)
- Como nos apoiamos na oração para alimentar a atitude da compaixão e a construção da paz? (oração em casal e em família)
- Como nos ajudamos, marido e mulher, em relação às nossas dificuldades, no exercício da compaixão? Somos construtores de paz? (dever de se sentar)

- Em que medida esta “revelação desconcertante”, no texto de Mateus, nos impele a uma mudança em direção a Deus sendo plenamente humanos? (regra de vida)

Pôr em comum

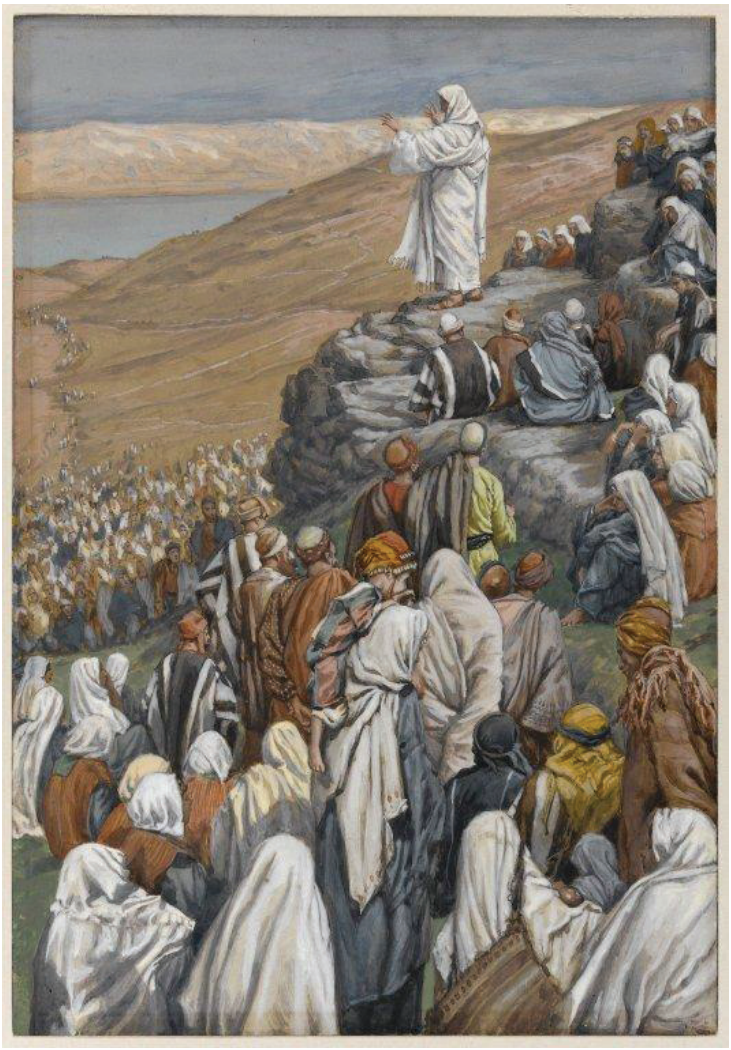
A partir do desafio que o texto nos faz que experiências de vida queremos pôr em comum?

Reflexão sobre o Tema

Segundo Mateus, Jesus é muito claro sobre os critérios do Pai na apreciação da vida de cada um de nós. De facto, não são critérios religiosos no sentido de muitas das tradições que interiorizámos.

A verdade é que são propostas exigentes e difíceis, mas as únicas capazes de fomentar a compaixão, o ecumenismo e a construção da paz.

Pensemos sobre o espaço que damos uns aos outros para refletir na construção da paz e na forma como nos ajudamos a remover as causas de divisão entre nós.



O sermão das Bem-Aventuranças – James Tissot – século XIX

Oração Final[47]

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor;
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, fazei que eu procure mais
Consolar, do que ser consolado;
Compreender, do que ser compreendido;
Amar, do que ser amado.
Pois, é dando que se recebe,
É perdoando que se é perdoado,
E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Os textos seguintes foram escolhidos enquanto sugestões de leitura, de ajuda ao aprofundamento da reflexão.

Ut Unum Sint[48]

João Paulo II

O ecumenismo e a paz

10. Na actual situação de divisão entre os cristãos e de procura respeitosa da plena comunhão, os fiéis católicos sentem-se profundamente interpelados pelo Senhor da Igreja. O Concílio Vaticano II reforçou o seu empenho com uma visão eclesiológica clara

---

[47] Oração de S. Francisco de Assis. *In* http://www.capuchinhos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1212:oracao-da-paz&catid=118:escritos&Itemid=496

[48] http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint_po.html

e aberta a todos os valores eclesiais presentes nos outros cristãos. Os fiéis católicos enfrentam a problemática ecuménica com espírito de fé.

O Concílio diz que «a Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele», e contemporaneamente reconhece que «fora da sua comunidade visível, se encontram muitos elementos de santificação e de verdade, os quais, por serem dons pertencentes à Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica».

«Por isso, as Igrejas e Comunidades separadas, embora creiamos que tenham defeitos, de forma alguma estão despojadas de sentido e de significação no mistério da salvação. Pois o Espírito de Cristo não recusa servir-se delas como de meios de salvação cuja virtude deriva da própria plenitude de graça e verdade confiada à Igreja Católica».

11. Deste modo, a Igreja Católica afirma que, ao longo dos dois mil anos da sua história, foi conservada na unidade com todos os bens que Deus quer dotar a sua Igreja, e isto apesar das crises, por vezes graves, que a abalaram, as faltas de fidelidade de alguns dos seus ministros, e os erros que diariamente investem os seus membros. A Igreja Católica sabe que, graças ao apoio que lhe vem do Espírito Santo, as fraquezas, as mediocridades, os pecados, e às vezes as traições de alguns dos seus filhos, não podem destruir aquilo que Deus nela infundiu tendo em vista o seu desígnio de graça. E até «*as portas do inferno nada poderão contra ela*» (*Mt* 16, 18). Contudo, a Igreja Católica não esquece que, no seu seio, muitos eclipsam o desígnio de Deus. Ao evocar a divisão dos cristãos, o Decreto sobre o ecumenismo não ignora «a culpa dos homens dum e doutro lado», 13 reconhecendo que a responsabilidade não pode ser atribuída somente aos «outros». Por graça de Deus, porém, não foi destruído o que pertence à estrutura da Igreja de Cristo e nem mesmo aquela comunhão que permanece com as outras Igrejas e Comunidades eclesiais.

Com efeito, os elementos de santificação e de verdade presentes nas outras Comunidades cristãs, em grau variável duma para outra,

constituem a base objectiva da comunhão, ainda imperfeita, que existe entre elas e a Igreja Católica.

Na medida em que tais elementos se encontram nas outras Comunidades cristãs, a única Igreja de Cristo tem nelas uma presença operante. Por este motivo, o Concílio Vaticano II fala de uma certa comunhão, embora imperfeita. A Constituição *Lumen gentium* ressalta que a Igreja Católica «vê-se unida por muitos títulos» a estas Comunidades, por uma certa união verdadeira no Espírito Santo.

14. Todos estes elementos trazem consigo o apelo à unidade, para nela encontrarem a sua plenitude. Não se trata de aglomerar todas as riquezas dispersas nas Comunidades cristãs, com o fim de se chegar a uma Igreja que Deus teria em vista para o futuro. Segundo a grande Tradição atestada pelos Padres do Oriente e do Ocidente, a Igreja Católica crê que, no acontecimento do Pentecostes, Deus *já* manifestou a Igreja na sua realidade escatológica, que Ele preparava «desde o tempo de Abel, o justo». 19 Ela já está presente. Por este motivo, já nos encontramos no fim dos tempos. Os elementos desta Igreja, já presente, existem, incorporados na sua plenitude, na Igreja Católica e, sem tal plenitude, nas outras Comunidades, 20 onde certos aspectos do mistério cristão foram, por vezes, mais eficazmente manifestados. O ecumenismo busca precisamente fazer crescer a comunhão parcial existente entre os cristãos até à plena comunhão na verdade e na caridade.

Deus não é propriedade privada

Bento Domingues, O.P.[49]

[…]

2. O diálogo inter-religioso e intercultural não pode ser deixado só nas mãos dos dirigentes políticos e religiosos e de comissões

[49] Fr. Bento Domingues O. P. 2006 "Deus não é propriedade privada". *Público*. Lisboa. Setembro de 2006. *In* http://www.triplov.com/espirito/frei_bento/2006/Deus-Propriedade.htm.

especializadas, embora estes tenham o dever de sensibilizar a opinião pública para a sua urgência. Mas o que se pretende são cidadãos dialogantes, muçulmanos e cristãos, para não serem manipulados por fanáticos e terroristas. Neste sentido, temos hoje, na liturgia católica, uma história hebraica exemplar (Nm 11, 25-29).

Conta-se que Moisés foi aconselhado a rodear-se de 70 anciãos para orientar o povo. Dois deles, que não estiveram na cerimónia, receberam também o Espírito de Deus e mostraram-se ainda mais profetas, isto é, mais clarividentes do que os outros. Um jovem espantado foi contar a Moisés o que se estava passar. Um ancião, ao serviço de Moisés desde a juventude, não gostou nada do que ouviu e disse: "*Moisés, meu senhor, proíbe-os.*"

Mas este não concordou: "Estás com ciúmes por causa de mim? Quem me dera que todo o povo fosse profeta", isto é, crítico, clarividente!

Esta história é exemplar porque, na confluência do político e do religioso - e seja perdoado o anacronismo -, o que se anuncia é a participação democrática, o exercício lúcido e universal da cidadania.

3. Dando um salto para o Novo Testamento, encontramos uma história parecida, mas de evidente alcance para o diálogo inter-religioso: "*Mestre, vimos um homem a expulsar os demónios em teu nome e procuramos impedir-lho, porque ele não anda connosco*."

Réplica espectacular de Jesus: "*Quem não é contra nós é por nós.*" (Mc 9, 38-43.45.47-48).

Esta resposta nunca foi muito bem aceite. Apesar de Paulo ter dito que, em Jesus, Deus não faz acepção entre judeu e grego, escravo e livre, homem e mulher, prevaleceu durante séculos, a fórmula: “Fora da Igreja não há salvação”. […]

No meu entender, a originalidade de Jesus consiste em estar ligado a um Deus que tem, em seu coração, todos os seres humanos e que pode ser encontrado ou esquecido de mil maneiras.

A religião verdadeira sabe que não é Deus que precisa de cuidados, mas os filhos de Deus. Esta é a mensagem da espantosa Carta de S. Tiago.

Não adianta dizer que há um só Deus se esquecemos, cristãos e muçulmanos, que há uma só humanidade a respeitar e a servir por todos.

O ecumenismo e a paz

Reflexões de um casal

[…] Construir o ecumenismo e a paz implica a *possibilidade* de estabelecer diálogo e a *necessidade* de tomarmos consciência do que há de comum entre todos os homens. Num programa televisivo sobre os primeiros hominídeos em África referia-se o achado de uma ossada de um adolescente, mostrando deficiências congénitas que não lhe permitiriam sobreviver para além de uma tenra idade, num grupo de recolectores, sem grande ajuda e com total dependência de outros membros do grupo! Dito de outra forma, *foi encontrado um indício* de que aqueles seres vivos (nossos antepassados) tinham capacidade para a compaixão e a praticavam… Esta relação gratuita não é detetável, aparentemente, em outros seres vivos… *será esta uma característica que nos distingue como homens?*

Os desvios que fazem separar os homens podem na sua essência ser sintetizados pelas tentações de Cristo (Lucas 4, 3-11): a) a violentação da natureza (mudar pedras em pão); b) a avidez de poder; c) a vaidade (ostentação de uma aparente superioridade). Todos podem ser vistos numa perspetiva de desrespeito pelos desígnios de Deus mas obviamente também – de forma indissociável - de falta de compaixão pelos outros Homens: pela possibilidade de perturbar o seu acesso aos bens naturais; de os submeter, pelo exercício de quaisquer formas de poder; de os humilhar, por faze-los sentir-se inferiores. De forma mais clara nos é mostrada por S. Mateus a importância fundamental da compaixão na relação entre os Homens, pois é esse o único critério apontado para que Deus nos aceite (Mateus 25, 34-40). Os exemplos

dados por S. Mateus têm todos a ver com a partilha dos recursos essenciais (comer e vestir), o acolhimento ao que está em meio estranho (emigrante ou peregrino), o que está sujeito à violência, mesmo que legitimada (o preso) e o que está simplesmente dependente dos outros pelas limitações impostas pela doença. Portanto, o que torna os homens verdadeiramente homens é a capacidade de exercer a compaixão. É também isso que os salva!

Aqui chegado, surgiu-me uma dúvida que partilho convosco: será que, para conseguirmos a adequação de comportamentos na relação entre os homens, necessitamos de olhar para os exemplos de Cristo, não como "verdadeiro Deus", mas antes como "verdadeiro Homem"? Digo "verdadeiro Homem" não apenas no sentido restrito de "homem como nós", mas também "divino" (o que nos pode levar à tentação de pensar… "ora bolas, assim também eu!"), mas no sentido de ser o "Homem verdadeiro", isto é, o que temos de tentar ser para corresponder às expectativas de Deus que quer a nossa aceitação colaborante e não a mera submissão a uma vontade imposta. Ao procurar ser esse Homem estaremos a facilitar a comunicação com os outros? Que indicações nos dá Cristo?

No diálogo de Jesus com a samaritana (João 4, 5-25) estão simbolicamente reunidos os elementos do problema (divisões entre os homens) e dos caminhos para as soluções: os Judeus não se davam bem com os samaritanos; Jesus criou as condições que permitiram o diálogo (a paz); as diferenças entre formas de adorar a Deus deixaram de ter relevância e constituir um motivo de divisão ao serem colocadas no contexto do que é a verdadeira relação com Deus.

Convém recordar o significado da posse de um poço por uma comunidade Semita. O seu uso é para a comunidade. A violação deste princípio tem sido socialmente aceite nesses povos como razão bastante para merecer a morte (pelo menos até ao século XX, senão agora). Para se ter acesso teria que se pedir. Jesus *pediu* apesar de ser Judeu - «Mas tu és judeu! Como é que te atreves a pedir-me água, a mim que sou samaritana?» - Foi esta atitude "impensável" de aproximação que permitiu o início do diálogo, o que tornou possível

abordar os aspetos que dividiam samaritanos de judeus no que respeitava à maneira adequada de orar a Deus e esclarecer a confusão entre o que é essencial e o que constitui mero enquadramento sociocultural. Uma vez quebradas as barreiras foi possível à Samaritana dizer-Lhe: «Senhor, estou a ver que és profeta! Os nossos antepassados samaritanos adoraram a Deus neste monte. Vocês, os judeus, dizem que só em Jerusalém se deve adorar a Deus». Então Jesus declarou: «Acredita no que te digo, mulher! Chegou o tempo em que todos podem adorar o Pai sem ser neste monte ou em Jerusalém chegou o tempo em que todo aquele que adora o Pai como deve ser o deve adorar espiritualmente e com verdade. Assim é que o Pai quer que o adorem….».

Será, como me pareceu, que é a compaixão que nos marca como Homens e é por ela que seremos julgados? Não detetei qualquer referência à nossa capacidade reflexiva, que tanto prezamos, nem a quaisquer outros atributos que são motivo de orgulho para muitos! A capacidade de *pedir* e de *partilhar* um recurso escasso (a água, na Samaria) quebrou barreiras, estabeleceu a Paz e permitiu o Ecumenismo.

Pacem In Terris[50]

João XXIII

Todo ser humano é pessoa, sujeito de direitos e deveres

9. Em uma convivência humana bem constituída e eficiente, é fundamental o princípio de que cada ser humano é pessoa; isto é, natureza dotada de inteligência e vontade livre. Por essa razão, possui em si mesmo direitos e deveres, que emanam direta e simultaneamente de sua própria natureza. Trata-se, por conseguinte, de direitos e deveres universais, invioláveis, e inalienáveis.

[50] http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem_po.html

10. E se contemplarmos a dignidade da pessoa humana à luz das verdades reveladas, não poderemos deixar de tê-la em estima incomparavelmente maior. Trata-se, com efeito, de pessoas remidas pelo Sangue de Cristo, as quais com a graça se tornaram filhas e amigas de Deus, herdeiras da glória eterna.

Na colaboração mútua

31. Sendo os homens sociais por natureza, é mister convivam uns com os outros e promovam o bem mútuo. Por esta razão, é exigência de uma sociedade humana bem constituída que mutuamente sejam reconhecidos e cumpridos os respectivos direitos e deveres. Segue-se, igualmente, que todos devem trazer a sua própria contribuição generosa à construção de uma sociedade na qual direitos e deveres se exerçam com solércia e eficiência cada vez maiores.

Convivência fundada sobre a verdade, a justiça, o amor a liberdade

35. A convivência entre os seres humanos só poderá, pois, ser considerada bem constituída, fecunda e conforme à dignidade humana, quando fundada sobre a verdade, como adverte o apóstolo Paulo: "Abandonai a mentira e falai a verdade cada um ao seu próximo, porque somos membros uns dos outros" (Ef 4,25). Isso se obterá se cada um reconhecer devidamente tanto os próprios direitos, quanto os próprios deveres para com os demais. A comunidade humana será tal como acabamos de a delinear, se os cidadãos, guiados pela justiça, se dedicarem ao respeito dos direitos alheios e ao cumprimento dos próprios deveres; se se deixarem conduzir por um amor que sinta as necessidades alheias como próprias, fazendo os outros participantes dos próprios bens; e se tenderem todos a que haja no orbe terrestre uma perfeita comunhão de valores culturais e espirituais. Nem basta isso. A sociedade humana realiza-se na liberdade digna de cidadãos que, sendo por natureza dotados de razão, assumem a responsabilidade das próprias ações.

Dever de se sentar da equipa!

Introdução

Jesus diz que devemos lavar os pés uns aos outros e foi o primeiro a dar o exemplo. Perante isso Pedro espantou-se e disse-lhe: *«Senhor, Tu é que me lavas os pés?» [7]Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois.»*

Leitura do Evangelho: João 13,1- 17[51]

Lava-pés

[1]Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. [2]O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar.
[3]Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, [4]Levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. [5]Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.
[6]Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?» [7]Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois.» [8]Disse-lhe Pedro: «Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!» Replicou-lhe Jesus: «Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo.» [9] Disse-lhe, então, Simão Pedro: «Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!» [10]Respondeu-lhe

[51] http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=P%C3%A1gina_principal

Jesus: «Quem tomou banho não precisa de lavar senão os pés, pois está todo limpo. E vós estais limpos, mas não todos.»
[11]Ele bem sabia quem o ia entregar; por isso é que lhe disse: 'Nem todos estais limpos'.[12]Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes:
[13]«Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me 'o Mestre' e 'o Senhor', e dizeis bem, porque o sou. [14]Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. [15]Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. [16]Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia. [17]Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática.

Tempo de silêncio, tempo de oração depois do Evangelho

Convite ao balanço[52]

Que melhor forma de fazer o balanço do ano da vida da equipa do que a de adotar a metodologia do "dever de se sentar"? Tal como em casal, ela pode-nos ajudar a revelarmo-nos uns aos outros.

Pode ser um tempo em que a equipa em conjunto, sob o olhar do Senhor, dialogue com sinceridade, manifeste sentimentos e pensamento sobre a vida da equipa ao longo deste ano, permitindo um melhor conhecimento e uma ajuda mútua. Permitirá assim fazer um balanço do passado, analisar o trajeto da equipa, fazer planos para o futuro.

A última reunião não é um fim, mas o novo ponto de partida! Assim como no "dever de se sentar" em casal, também em equipa, o tempo de oração ou de silêncio, ajuda a tomar consciência da presença de Deus.

[52] Elaborada a partir do *Guia das ENS*

Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés. Jesus respondeu-lhe: *"Se Eu não tos lavar, não podes partilhar da minha vida."*

É também neste Jantar que Jesus, despedindo-se dos amigos antes de regressar ao pai, lhes deixa um conselho: "*E recomendo-vos isto: amem-se uns aos outros."*

Tomando como guia o desenvolvimento do tema ao longo do ano, avaliemos os pontos altos e as falhas coletivas de comunicação. Reflitamos sobre se lavámos os pés uns aos outros e se deixámos que nos lavassem os pés.

- Em que medida a caminhada deste ano se refletiu na nossa "oração" individual, em casal, em família e em equipa?
- Como nos ajudámos a compreender e integrar na nossa vida a abordagem do "tema" em cada uma das reuniões?
- Que obstáculos a essa prática encontrámos?
- De que modo esta recomendação de Jesus aos apóstolos - E *recomendo-vos isto - amem-se uns aos outros,* se traduz na escolha das nossas "regras de vida"?
- Como se desenvolveu o diálogo em cada casal e no interior da equipa, no exercício dos outros "pontos concretos de esforço"?
- Ao longo deste ano, *Ousámos acolher o Evangelho*? Cuidámos e acolhemos os Homens à nossa volta?

Da nossa reflexão o que achamos importante "pôr em comum" com o Movimento?

O lava-pés na última ceia - Irmã Mercédes, 2006, Notre Dame des Neiges, França

Oração Final

Magnificat[53]

A minha alma glorifica o Senhor *
e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador.
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva: *
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: *
Santo é o seu nome.

[53] http://www.ens.pt/Document.mvc.aspx/Index/4

A sua misericórdia se estende de geração em geração *
  sobre aqueles que O temem.
Manifestou o poder do seu braço *
  e dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos *
  e exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens *
  e aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel, seu servo, *
  lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais, *
  a Abraão e à sua descendência para sempre.
Glória ao Pai e ao Filho *
  e ao Espírito Santo,
como era no princípio, *
  agora e sempre.
Ámen.

Bibliografia

1. PUBLICAÇÕES

Albert Nolan 2009 *Jesus Hoje*. Prior Velho. Paulinas Editora.

Albert Nolan 2010 *Jesus antes do Cristianismo*. Prior Velho. Paulinas Editora.

Bento Domingues, O. P. 2006 "Deus não é propriedade privada". *Público*. Lisboa. Setembro de 2006. *In* http://www.triplov.com/espirito/frei_bento/2006/Deus-Propriedade.htm.

Bento XVI 2001 *Carta Apostólica Porta Fidei* . *In* www.vatican.va

Bento XVI 2009 *Angelus*. Praça de S. Pedro. Domingo, 27 de Dezembro. *In* www.vatican.va

ENS 2001 Guia das Equipas de Nossa Senhora. In http://www.ens.pt

ENS 2012 *A reunião de equipa*. *In* http://www.ens.pt

ENS 2012 *Carta de Brasília da ERI*. *In* http://www.ens.pt

Henri Caffarel 2009 *Espiritualidade Conjugal.* Cascais. Princípia

João Paulo II 1993 *Encíclica Familiaris Consortio. In* http://www.vatican.va

João Paulo II 1998 *Carta Apostólica Dies Domini. In* http://www.vatican.va

João Paulo II 1995 *Encíclica Ut Unum Sint. In* http://www.vatican.va

João XXIII 1963 *Encíclica Pacem in Terris*. *In* http://www.vatican.va

José António Pagola 2008 *Crer para quê?* Assafarge. Gráfica de Coimbra 2, Publicações, Lda.

Joseph Ratzinger – Bento XVI 2012 *Jesus de Nazaré - A infância de Jesus.* Cascais. Princípia.

Père Louis de Raynal 2010 La bonne Nouvelle du Mariage – Le Père Caffarel, prophète pour notre temps. Dijon. L'échelle de Jacob.

Simone Weil 2005 *Espera de Deus*. Lisboa. Assírio & Alvim.

Timothy Radcliffe 2011 *Ser cristão para quê ?* Prior Velho. Paulinas Editora.

Timothy Radcliffe 2012 *Conferência de abertura* no XI Encontro Internacional das ENS. Brasília, Julho de 2012. *In* http://www.ens.pt.

Timothy Radcliffe 2012 *Conferência* no XI Encontro Internacional das ENS, Brasília, 23 de Julho de 2012. *In* http://www.ens.pt.

2. ILUSTRAÇÕES

Capa
https://picasaweb.google.com/lh/photo/VhdfMcs79kJwxPmtZ5HBptMTjNZETYmyPJy0liipFm0 (acesso: 29.01.2013)
Reunião 1
http://ndneiges.free.fr/L'oratoire.htm (acesso: 26.02.2013)
Reunião 2
http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vincent_Willem_van_Gogh_022.jpg (acesso: 27.02.2013)
Reunião 3
http://en.wikipedia.org/wiki/Julius_Schnorr_von_Carolsfeld (acesso: 26.02.2013)
Reunião 4
http://www.wikipaintings.org/en/jean-auguste-dominique-ingres/jesus-among-the-doctors (acesso 26-02-2013)
Reunião 5
http://www.jesus-story.net/painting_martha_mary.htm (acesso: 26-02-2013)
Reunião 6
https://www.lds.org/ensign/1983/02/the-land-jesus-knew-part-3?lang=eng (acesso: 28.02.2013)
Reunião 7
http://preprod.meltem-int.com/marie/blog/?tag=vigne (acesso: 28.02.2013)
Reunião 8
https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/13418/The_Sermon_of_the_Beatitudes_La_sermon_des_b%C3%A9atitudes (acesso: 02.03.2013)
Reunião de balanço
http://ndneiges.free.fr/L'oratoire.htm (acesso: 29.01.2013).

3. SITES

ENS/END

http://www.ens.pt
http://www.equipes-notre-dame.com
http://www.henri-caffarel.org/

BíBLIA

http://www.aelf.org/bible-liturgie/
http://www.capuchinhos.org/biblia

OUTROS

http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt
http://csvp.avon.fontainebleau.over-blog.com/article-priere-quotidienne-de-saint-thomas-d-aquin-98201352.html
https://picasaweb.google.com/lh/photo/VhdfMcs79kJwxPmtZ5HBptMTjNZETYmyPJy0liipFm0
http://tusegueme.blogspot.pt/2008/04/orao-de-s-toms-de-aquino.html
http://viechretienne.catholique.org/prieres/au-pere/574-priere-de-charles-de-foucauld
http://www.duomodimodena.it
http://www.eglise.catholique.fr/accueil.html
http://www.paris.catholique.fr
http://www.paroquias.org/oracoes/
http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/spaulo/orar.html
http://www.prier.presse.fr/prieres/
http://www.slideshare.net/AfonsoMurad/maria-nas-bodas-de-can-e-na-cruz
http://www.vatican.va

Anexo I

ROTEIRO DA REUNIÃO MENSAL

1. Refeição

Iniciada com uma pequena oração simples e vivida em espírito de entreajuda.

2. Oração

a. Invocação do Espírito Santo

b. Leitura e Escuta da Palavra de Deus

c. Oração Pessoal

d. Intenções

3. Partilha Espiritual

Testemunho sobre a vivência dos **Pontos Concretos de Esforço** tendo em vista as **Atitudes de Vida**.

É bom fazer também neste ponto uma reflexão sobre a **vida em Equipa e no Movimento**.

4. Pôr em Comum

Pomos em comum a nossa vida, partilhamos com os outros casais a nossa vida pessoal, conjugal, familiar, profissional, os compromissos...numa perspetiva de entreajuda e caridade.

5. Tema de Estudo

Aprofundamos juntos a nossa fé, tendo sido previamente preparado em casal e enviado ao casal responsável da equipa para a reunião preparatória.

6. Magnificat

MÍSTICA DA PARTILHA E DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

Pontos Concretos De Esforço (PCE)

- Oração Pessoal
- Palavra de Deus
- Oração Conjugal/Familiar
- Regra de Vida
- Dever de se Sentar
- Retiro

As Três Atitudes

- Procura assídua da vontade de Deus
- Procura da verdade sobre nós mesmos
- Experiência do encontro e da comunhão

INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos nossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

***V**. Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado*

***R.** E renovareis a face da terra.*

***Oremos:** Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre da Sua consolação. Por Cristo, Senhor Nosso.*

***R.** Ámen.*

ORAÇÃO PARA A PARTILHA

Senhor Jesus, na altura de fazermos a partilha de vida, recordamos que toda a graça do nosso Sacramento vem de Vós e que o amor só tem sentido quando consiste em procurar, concretamente, o bem do outro e das nossas famílias.

Que este momento sirva para ajuda e crescimento de todos. Por isso, ensinai-nos a falar com humildade das nossas fraquezas e falhas, pedindo perdão a todos; ajudai-nos a contar os sucessos e alegrias sem vaidade, para estímulo e ajuda uns dos outros, dando graças a Deus.

Neste momento também queremos lembrar e pedir pelos casais que sofrem e passam dificuldades, em especial os da nossa equipa, e que isso faça crescer a nossa responsabilidade. Ámen.

ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS HENRI CAFFAREL

Deus, nosso Pai,
Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel
um impulso de amor que o atraiu sem reservas para o teu Filho e o inspirou a falar d'Ele.
Profeta do nosso tempo,
ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um
segundo a palavra que Jesus dirige a todos: "Vem e segue-me".
Ele entusiasmou os esposos para a grandeza do Sacramento do Matrimónio
que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.
Mostrou que Padres e casais são chamados a viver a vocação do amor.
Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.
Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes no caminho da oração.
Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.
Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora,
nós Te pedimos *que apresses o dia em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida,*
para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho,
cada um segundo a sua vocação no Espírito.
Deus, nosso Pai, nós invocamos o Padre Caffarel … (Indicar a graça a pedir)

MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!
Porque pôs os olhos na humildade de sua serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que O temem.
Manifestou o poder de seu braço
E dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel, seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão, e à sua descendência para sempre.
Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre.
Ámen.

FICHA TÉCNICA

Tema de estudo preparado pela Equipa Responsável Internacional

Impressão:
OLEGÁRIO FERNANDES ARTES GRÁFICAS, S.A.

Propriedade e Administração:

ENS - Equipas de Nossa Senhora

Movimento de Espiritualidade Conjugal

Av. Roma 96, 4ºEsq, 1700-352 Lisboa

Telefone: 21 609 7677 Fax: 21 609 3242

E-mail: ens@ens.pt Site: www.ens.pt

Outros Temas de Estudo disponíveis

À Descoberta de Cristo (2005)
A Espiritualidade Conjugal e os Compromissos nas ENS (2006)
A Missão na Equipas de Nossa Senhora (1998)
A Reunião de Equipa (2011)
Alegria de Crer, Alegria de Viver (2003)
Cristo, Centro da Vida Cristã (2007)
Enchei as Talhas de Água (2003)
Espera-me um Grande Amor (2004)
Evangelizar a Sexualidade (1994)
Henri Caffarel – Textos Escolhidos (2008)
Homem e Mulher Ele os Criou (2003)
Leituras de São João (revisto em 2012)
O Amor e a Sexualidade na Bíblia (2004)
O Caminho da Vida Espiritual em Casal (2012)
O Casal Imagem de Deus Trinitário (2000)
O Matrimónio, um Sacramento para o Caminho (2010)
Pobreza Evangélica (2003)
Senhor Fica Connosco (2003)
Ser Casal Cristão Hoje na Igreja e no Mundo – A Missão (2002)
Ser Casal Cristão Hoje na Igreja e no Mundo – Pessoa Humana (2001)
Ser Casal Cristão Hoje na Igreja e no Mundo – Ser Casal (2001)
Testemunhas ao Serviço dos Casais (2009)
Vai e faz tu também o mesmo (2011)
Venham Ver (2003)
Viver em Casal I (2002)
Viver em Casal II (2003)

Equipas de Nossa Senhora